

CATHERINE MARCELLE



O PASSADO
outra vez

E SE SUA VIDA PASSADA VIESSE À TONA
COM CICATRIZES ATÉ ENTÃO ESQUECIDAS?

O passado
Outra vez

Catherine Marcelle

Capítulo 1

O ano era 1853, o lugar; Nova Orleans, Louisiana.

O cheiro de terra molhada passava por entre as cortinas através da brisa fria da noite e ocupava todo o vasto cômodo onde Josephine dormia. Ao longe se ouvia os passos firmes ecoando por entre as tábuas de madeira do assoalho minuciosamente limpo. Rachel se aproximou da porta do quarto da única filha e delicadamente andou em direção a janela. Olhou para Josephine que dormia profundamente e sem alarde fechou as cortinas, deixando o quarto silencioso e aquecido.

Beijou a fronte da filha e deixou o quarto.

O vento assobiava uma melodia solitária rompendo o silêncio daquela noite escura.

Após alguns passos, Rachel chegou a seu quarto. Benjamin ajeitava os lençóis, visivelmente cansado.

- Josephine está bem?
- Sim. Dorme profundamente.

Benjamin suspirou enquanto acomodava os travesseiros.

- Já não é hora de tirá-los de lá?

Sentada à beira da cama, Rachel tirou as chinelas e pegou a escova da mesinha de cabeceira. Respondeu ao marido enquanto penteava uma mecha do longo cabelo loiro.

- Não se ocupe deste assunto. Já tem muito o que pensar.
- Acha necessário todo esse rigor por algumas frutas estragadas?

A esposa repousou a escova de volta ao criado mudo e virou-se para o marido, desta vez em tom menos cordial.

- Sim. É necessário. Aquelas frutas estavam em nossa cozinha, não importa se estavam estragadas ou não. Entende, Benjamin? Precisam aprender. Hoje são frutas, amanhã o que mais poderá ser?

- E cinquenta chibatadas não lhe parecem suficientes? Sem contar que deixá-los amarrados na chuva e no frio até o dia amanhecer pode causar outra revolta entre os outros.

- Que se revoltem então. Não temos que nos intimidar.

- Não sabe o que diz.

- De fato me custa entender sua insistência com este assunto. Tantas vezes conversamos sobre isso. Sei o que estou fazendo.

Rachel acomodou-se trazendo os longos cabelos para frente, cuidadosamente. - Boa noite, Benjamin. Procure descansar. - Sussurrou já com os olhos fechados.

Benjamin permaneceu imóvel, olhando para o teto. Após alguns segundos, olhou para sua esposa e em breve, porém profundo momento, buscou aquela jovem inteligente e desafiadora por quem havia se apaixonado a cinco anos atrás.

A aparência de Rachel era praticamente a mesma, talvez estivesse ainda mais bonita, mas Benjamin sentia-se terrivelmente sozinho ao seu lado, e nem mesmo a ligação carnal entre homem e mulher o preenchia o suficiente para sentir-se menos infeliz. Aquela frustração angustiava seu coração visceralmente. Apesar do mal estar, não demorou para que o sono o visitasse.

A brisa fria aos poucos foi substituída pelo vento. A chuva ficou mais forte indo de encontro às janelas e encharcando a vasta plantação de cana de açúcar. Depois de pouco tempo de sono profundo, Benjamin começou a experimentar uma estranha sensação que oscilava entre delírios praticamente inconscientes com a desesperada intuição de que deveria despertar de um sonho ruim.

Sua frente suave como se estivesse muito próximo a um fogo ardente. Sentia-se imobilizado por pessoas que não conseguia ver. Seus olhos miravam uma mulher de olhos tristes que chorava copiosamente.

Sentia uma profunda necessidade de se soltar, mas não conseguia. No auge de seu desespero, abriu os olhos e se viu novamente entre seus lençóis brancos, molhados de suor.

Por um breve momento Benjamin teve dúvidas se de fato estava acordado ou se estava preso em mais uma armadilha da sua mente. Foi então que se deu conta da chuva que caía e aos poucos foi percebendo à realidade que o envolvia. Olhou para Rachel que dormia tranquilamente e percebeu que havia tido um pesadelo. Se levantou com as pernas trêmulas. Jamais havia experimentado sensações tão angustiantes e tão reais.

Resolveu ir até a cozinha servir-se de um copo de água. Ao entrar no cômodo escuro, iluminado por um castiçal que apoiava uma vela já quase no fim, se deparou com Amélie, sentada à mesa com as mãos segurando o rosto molhado de lágrimas.

Ao ver seu senhor, Amélie levantou-se rapidamente e enxugou o rosto com a barra do avental surrado.

- O senhor deseja alguma coisa?

- O que faz acordada?

Amélie permaneceu de cabeça baixa.

- Por que não está dormindo, Amélie?

-Estou vigiando meu Bob e as meninas, senhor. - A essa altura, já não conseguiu mais conter as lágrimas.

Ainda perturbado pelo sonho ruim, Benjamin se lembrou do castigo imposto ao esposo e filhas de Amélie.

Seu coração apertou no peito e Benjamin já não sabia se toda aquela angústia ainda era pelo pesadelo ou pela expressão sofrida de Amélie bem ali, diante dele.

Seu peito parecia uma bomba-relógio prestes a explodir.

Nunca concordou com os métodos de sua esposa, mas nos últimos meses aquela divergência de pensamentos começou a tomar proporções bem maiores em seu coração.

- Tire-os de lá.

Amélie levantou a cabeça em um impulso quase de alegria, mas havia se acostumado a ter a cautela como uma arma de sobrevivência.

- Mas senhor, a senhora ordenou que somente ela pode se aproximar deles, mais ninguém. Eu não pude nem mesmo ficar do lado de fora... será que ...

Benjamin não deixou que Amélie terminasse.

- Eu me entendo com a senhora. Vá e peça a Jeremy que a ajude.

Amélie se aproximou de Benjamin e beijou suas mãos.

- Muito obrigada, senhor. Muito obrigada!

A mulher abatida saiu o mais rápido que pôde a procura de Jeremy, o capataz da fazenda.

O senhor da casa, desconfortado e exausto, bebeu meia caneca de água e foi se deitar na sala principal. Estirou-se no sofá maior e com o braço cobrindo o rosto, deu um longo suspiro como se acabasse de tirar um peso grande das costas.

A madrugada fria e chuvosa estava só começando para Amélie. Seguindo as orientações de seu dono, buscou Jeremy para que juntos terminassem com o castigo de sua família.

O capataz atendeu prontamente. Sabia que Amélie não mentiria e conhecia Benjamin o bastante para crer que de fato a ordem em acabar com aquela tortura havia partido dele.

Juntos, em meio a chuva intensa que não parava de cair, chegaram até a parte de trás do casarão, em uma velha árvore onde Bob e suas duas filhas, Lily de oito anos e Keira de dez, cumpriam a sentença imposta por Rachel: Deveriam ficar amarrados no tronco mais grosso da árvore pelos punhos. Os pés não tocavam no chão. Molhados, famintos, exaustos... Esse era o castigo por terem comido as frutas da cozinha sem permissão. As frutas passadas, que estavam separadas para serem oferecidas aos animais da fazenda.

Ajudado por Amélie, Jeremy desamarrou Lily e Keira que caíram nos braços da mãe.

- Entre com elas, Amélie. Eu cuido do Bob.

Amélie seguiu para o pequeno quarto do lado de fora da casa, onde os escravos dormiam.

Bob já não tinha forças e amparado pelo capataz, chegou ao casebre logo após Amélie e as meninas. Todos os escravos se levantaram e emocionados, socorreram os doentes, inclusive Jeremy. - Amélie, vá até a casa grande e traga água e alguma coisa de comer. Vá rápido.

Lily era a mais abalada. Não tinha forças para falar, as lágrimas apenas escorriam do seu rosto em um relato silencioso de dor e sofrimento.

Toby, um dos amigos de Bob, ajudava a secar as feridas dos punhos do companheiro. - O que deu em você irmão? Você conhece o coração da senhora, sabe do que ela é capaz. Por que se arriscou desse jeito?

- Eu não fiz nada de errado.

- Como não?

- . Vi quando Lily e Keira correram para o casarão e fui atrás, quando entrei na cozinha as vi comendo as frutas. As peguei pelo braço, mas não dava mais tempo. A senhora entrou e começou a gritar. Eu assumi toda a culpa, disse que tinha mandado elas fazerem aquilo, mas mesmo assim ela castigou minhas meninas.

As lágrimas de Bob não paravam de cair enquanto olhava para suas filhas sendo amparadas em suas mazelas físicas e morais, sendo ainda tão novas.

- Por Deus... Aposto que foi o senhor Benjamim que mandou tirar vocês de lá. Como pode um homem tão bom dividir o teto com essa mulher sem alma.

Bob e todos os outros achavam o mesmo. Rachel era uma mulher sem alma. Bonita na aparência, educada nos costumes, mas cruel em sua essência.

Rachel e Benjamin se casaram em um ato de conveniência que uniu as duas maiores fortunas de cana de açúcar de Nova Orleans, mas assim que viu Rachel, Benjamin percebeu que não precisaria fazer nenhum sacrifício para manter a união tão desejada por suas famílias. A inteligência e a vivacidade de sua prometida lhe encantavam mais até que sua beleza. Rachel era vista como a jovem mais bela de Louisiana. E o encanto foi recíproco.

Benjamin era filho único e foi educado nas melhores escolas de Paris. Apesar de conseguir conviver dentro dos valores impostos por seus pais, sentia-se um estranho em seu próprio mundo. Por mais que tentasse, não se entregava a vida familiar como seu coração desejava. Por vezes sentia-se culpado por isso, o que lhe fazia ignorar suas inclinações e seu verdadeiro modo de pensar.

Havia aprendido a acreditar que o melhor a ser feito era seguir com o esperado por todos. Porém cada vez mais essa crença dava lugar a uma inquietação quase sufocante.

O dia amanheceu timidamente, como se estivesse triste, de luto. Um luto sem mortos, mas muitos feridos.

Rachel levantou-se da cama sem estranhar a ausência do esposo que comumente despertava antes dela. Foi até o quarto da filha e constatou que Josephine ainda dormia. Desceu as escadas e dirigiu-se à mesa que já estava posta.

Amélie terminava de guardar as louças que acabara de lavar e não conseguia disfarçar a tensão em ter que ficar diante de sua senhora. Evitou o quanto pôde ir até a sala, mas sabia que seria só uma questão de tempo. Rachel sentou-se em seu lugar costumeiro e estranhou não ter Amélie a postos como de costume. Colocou o leite na xícara e repousou a louça calmamente por sobre a toalha branca rendada. Apoiou os cotovelos à beira da mesa, descansando o queixo sobre as mãos entrelaçadas.

Na cozinha, Amélie respirou fundo. Ajeitou o lenço na cabeça e foi de encontro a realidade. Entrou na sala e se deparou com o olhar de Rachel fitando a porta que separa a cozinha do cômodo em que estava. A inquietante surpresa fez Amélie interromper os passos por dois segundos ou um pouco mais. Diante dos olhos de Rachel, seguiu o caminho até a cabeceira da mesa.

-Bom dia, senhora.

-O que foi desta vez? não sabe que precisa estar a minha disposição pela manhã? - A pergunta de Rachel veio precedida por um longo suspiro.

- Desculpe-me senhora, estava guardando as louças.

- Amélie, tenho sido muito paciente com você e sua família, porém devo lhe advertir que paciência tem limites. Não pretendo fechar os olhos para suas falhas e muito menos com seu descaso diante das regras desta casa.

- Desculpe-me. Não tornará a acontecer.

- Até quando acha que pode abusar de minha benevolência? Você seria grata se recebesse o mesmo castigo que seu marido e filhas?

- Não senhora.

- Pois começo a achar que sim.

Amélie permaneceu de cabeça baixa enquanto Rachel se servia calmamente.

- Não sei até quando conseguirei aturar tudo isso. Onde está o senhor?

- Não o vi sair, senhora, mas Jeremy comentou que preparou o cavalo para ele assim que clareou o dia.

Aquela informação piorou os ânimos de Rachel. Não gostava quando Benjamin saía da fazenda sem se despedir.

- Por hoje já me irritou o suficiente, Amélie. Pode voltar às suas louças, quero tomar meu desjejum em paz.

- A senhora quer que traga mais alguma...

Rachel interrompeu - Não quero mais nada.

- Sim senhora, com licença.

- Aliás, chame o Jeremy.

- Sim senhora.

Amélie deixou a sala e foi em busca de Jeremy que cortava algumas lenhas longe da entrada principal.

- A senhora quer vê-lo, Jeremy.

O capataz limpou o suor que descia pela testa; - Ela comentou alguma coisa sobre a ordem do senhor Benjamin?

- Não falou nada, mas está com um humor daqueles. Melhor você se apressar, homem.

- Se acalme, mulher. Senhor Benjamin sabe o que faz.

- Até parece que você não sabe como é. Toda vez que ela se irrita alguma coisa de muito ruim acontece com nossa gente.

Jeremy interrompeu o trabalho e seguiu para dentro do casarão.

- A senhora mandou me chamar?
- Já pode terminar com o castigo.

Jeremy queria mais tempo para pensar em uma resposta que não deixasse a senhora tão furiosa como sabia que ficaria, mas sabia que não a tinha.

- Senhora, desculpe-me, mas o senhor ordenou o fim do castigo ontem mesmo.

Rachel não disfarçou a surpresa desagradável. Se levantou e rapidamente foi até o jardim onde havia ordenado a execução da sentença a família de Amélie. Jeremy a seguiu. Não havia ninguém na árvore, somente alguns pedaços de cordas esfarrapados.

Aos berros, a senhora inquiriu o capataz.

- Onde estão?
- Ontem à noite o senhor Benjamin ordenou que eu os soltasse, senhora. Estão no quarto descansando.
- Como ousa mentir dessa maneira? Se meu marido tivesse tomado tal atitude teria me dito, não acha?
- Já era madrugada quando aconteceu, senhora.

Rachel fechou os olhos para pensar melhor.

- Chame Amélie.

Amélie e os demais estavam escondidos observando a cena. Jeremy não precisou sair do lugar para chamá-la, antes que o fizesse, Amélie surgiu às vistas de Rachel.

Com o tom de voz sereno, Rachel dirigiu-se à escrava assustada;

- Jeremy está me dizendo que meu marido se levantou de madrugada e ordenou que sua família fosse libertada do castigo. Isto é certo, Amélie?
- Sim senhora.

- Vou te perguntar somente uma vez. Você pediu a meu marido que ele terminasse com o castigo que eu impus?

- Não senhora. Não pedi nada.

- Essa é a sua última palavra?

- Sim senhora. Não pedi nada.

- Jeremy, Amélie está disposta a pagar pelos erros da família.

Amélie olhou para trás com a esperança de que Bob já estivesse de pé, junto com os demais, olhando para ela, mas buscou o olhar cúmplice do marido em vão.

As lágrimas começaram a cair de seu rosto enquanto Rachel prosseguia com o discurso.

- Sendo assim, concederei seu desejo e devo cumprimentá-la pelo gesto nobre. Jeremy, providencie cordas novas. Pode amarrá-la no mesmo lugar.

Rachel aproximou-se de Jeremy - Ela só sai quando eu mandar.

Jeremy já estava acostumado a cumprir as sentenças de Rachel, embora não as realizasse com prazer.

Apenas obedecia sem questionar.

A vontade da senhora foi cumprida. Amélie estava atada ao galho mais grosso da árvore, amarrada pelos pulsos.

-Sem água, sem comida. Se eu souber que alguém descumpriu minhas ordens, vai fazer companhia a ela. Jeremy, volte ao trabalho.

Os escravos voltaram aos seus afazeres silenciosamente, antes que Rachel deixasse o cenário de tortura.

Não contaram nada a Bob e as meninas que ainda estavam muito fracos, físico e emocionalmente.

Rachel esperou que Jeremy se afastasse para se aproximar de Amélie. - O que você esperava com a piedade do meu marido? Que ele se encostasse com você?

Amélie não conseguia responder.

- Ele jamais se deitaria com uma escrava imunda como você, nem por pena.

Amélie olhava nos olhos de Rachel, sem entender tamanha maldade.

Rachel seguiu calmamente para a entrada da casa, foi quando percebeu que estava sendo observada por Josephine.

- O que faz aqui fora?

- Por que Amélie está de castigo?

- Vamos entrar, filha. Isso não é importante. Venha.

Rachel conduziu a filha para dentro. Josephine virou-se para tentar ver o rosto de Amélie, mas foi impedida pela mãe, que apressou o passo o quanto pôde.

Capítulo 2

O coração de Rachel estava inquieto. Sabia que Benjamin não compartilhava de muitas das suas ideias, mas sempre teve a certeza de que o amor do marido fosse capaz de superar tais diferenças. Naquele momento essas certezas já não eram absolutas e isso a deixava vulnerável, algo que a incomodava profundamente.

A caminho de casa, Benjamin pensava o mesmo. Imaginou que talvez seu amor por Rachel tivesse chegado ao fim. Ou quiçá nunca houvera existido. Perdido em seus pensamentos, não percebeu que pegou uma trilha diferente da que estava acostumado.

Observou o lugar e notou que muito próximo havia um pântano por trás de algumas fileiras de árvores. De repente se deparou com alguns escravos reunidos que se surpreenderam com sua presença. Visivelmente assustado, um deles tirou uma faca do cós da calça e apontou para Benjamin.

- O que faz aqui? Quem lhe mandou?
- Ninguém me mandou, entrei nessa trilha por engano.
- Mentira! Vamos, diga, quantos nos esperam pelo caminho?
- Não sei do que está falando.

Alterado, o homem aproximou-se de Benjamin, assustando o cavalo que não esperava o gesto brusco; - Desça daí, vamos!

Benjamin obedeceu.

- Não temos tempo a perder. Como descobriram? Quem é você?

Benjamin tentou convencer o homem de todas as maneiras possíveis, sem sucesso, até que do pequeno grupo surgiu uma mulher.

- Acalme-se Trish. Vamos ouvir o que ele tem a dizer.

Benjamin quis agradecer a intervenção da moça, mas entendeu que precisava convencê-los com urgência de que não era quem imaginavam.

- Me chamo Benjamin Leveau. Minha fazenda está a mais ou menos vinte minutos daqui.

- Leveau? É o dono da fazenda Leveau? - Um dos homens se manifestou.

- Sim, eu mesmo. Estava voltando de Mississippi e me distraí, acabei errando o caminho. E é só. Não sei o que estão pensando sobre mim, mas com certeza estão equivocados.

- Ele é um deles, não podemos deixá-lo ir.

Anna interveio mais uma vez; - Senhor Benjamin, esses homens estão em fuga. E como pode perceber, precisam aproveitar a oportunidade que tiveram, caso contrário não terão outra como esta tão cedo. Eu ficarei aqui com o senhor até que já estejam longe. Sei que irá colaborar conosco.

Anna levantou a blusa fina e deixou à mostra a faca que trazia enrolada no cós da saia. - Trish, pegue no saco alguma coisa que possa amarrar as mãos dele.

- Creio não ser necessário, lhes dou minha palavra que...

- Cale-se, senhor Benjamin. Quer resolver isto? Fique calado e colabore conosco. - Anna olhou firme nos olhos de Benjamin, que entendeu o recado.

Trish e John amarraram as mãos de Benjamin enquanto os outros se preparavam para fugir.

- Vamos! Não temos mais tempo a perder.

Anna despediu-se de Trish.

- Cuide-se meu irmão.

- Você também. Se ele tentar alguma coisa, não pense duas vezes, mate-o.

- Vão! Apressem-se!

Amarrado ao lado de seu cavalo, no meio do pântano, Benjamin observava Anna com detalhes. Sabia que estava seguro.

- Como se chama?

- Por que quer saber?

- Você sabe meu nome, por que não posso saber o seu?

- Anna.

- Anna... Por que não fugiu com eles Anna?

- Por que acha que eu lhe diria? Só sei o seu nome, já estamos quites.

- Posso lhe contar algo sobre mim, se quiser. Qualquer coisa.

- Não tenho interesse.

- Você é muito esperta para...

- Para uma escrava?

- Eu ia dizer para quem jogou fora uma boa oportunidade de fugir.

- Incentiva os seus escravos a fugir também, senhor Leveau?

- Talvez devesse...

O olhar de Benjamin se perdeu por alguns segundos. E Anna percebeu.

- Talvez seja o senhor quem precise fugir.

- De fato é muito esperta.

- Obrigada. Senhor Benjamin, vou soltá-lo para que possa ir.

- Acha seguro?

- Sim, eu acho. Por alguma razão confio no senhor.

Enquanto Anna desatava o nó, Benjamin olhava seu rosto, sem disfarçar o encanto.

- Além de esperta é muito bonita, Anna.
- Já está livre senhor Leveau. Guarde seu charme para quando de fato ele puder lhe ser útil.
- O elogio foi sincero.
- Imagino que queira ajuda para voltar para a estrada.
- Agradeceria.
- Siga-me.

Em poucos minutos, já estavam na estrada de terra.

- Aqui está a salvo.
- Obrigado, Anna. Espero vê-la novamente um dia.

Anna deu um leve sorriso.

- Quem sabe.
- Quem sabe...

Anna seguiu caminhando devagar.

No caminho contrário, Benjamin se pegou sorrindo ao lembrar-se do que acabava de ocorrer. “Que loucura... Eu poderia estar morto a esta hora!”. A situação inusitada o deixou perplexo, porém o que de fato dominou seus pensamentos até a volta a fazenda, foi o rosto daquela moça decidida e ao mesmo tempo tão doce. Sentiu uma empatia que jamais havia sentido por qualquer outra pessoa, mesmo aquelas entre as suas relações.

Outra pessoa em seu lugar teria tomado providências para que os escravos fugitivos fossem pegos, porém mais uma vez Benjamin se surpreendeu com seus próprios pensamentos. Se pudesse, teria os ajudado. Seguiu seu caminho com o coração leve.

No fim da manhã as angústias de Rachel terminaram. Benjamin regressava à casa.

Da janela do quarto, observou a chegada do marido.

Deu um longo suspiro e foi ao seu encontro.

Desceu as escadas apressada. Sabia que a conversa com o marido seria difícil. Estava começando a se convencer de que talvez seu casamento estivesse passando por alguma crise, o que deixava qualquer diferença entre eles ainda mais evidente. E sabia também que o castigo que impôs a mucama naquela manhã seria a prova de que precisava para calcular com exatidão o tamanho dessas diferenças. Queria pagar para ver.

Foi até o salão principal e logo Benjamin cruzou a porta de entrada.

Rachel não pôde deixar de notar as vestes sujas do marido.

- O que houve?

Benjamin pensou em relatar o ocorrido, mas desistiu.

- O cavalo se assustou com alguma coisa pelo caminho e eu me desequilibrei.

- Se machucou?

- Não. Foi só um susto.

Um beijo na testa foi o bastante para que o coração de Rachel ficasse um pouco mais aliviado.

- Não se preocupe, está tudo bem. Já almoçou?

- Não. Prefiro esperar você chegar.

- Fui até Mississippi para saber das entregas atrasadas.

- Jeremy não poderia resolver essa questão?

- No ponto em que a situação está, não. Prefiro acompanhar eu mesmo. Josephine está no quarto dela?

- Sim, está brincando com Janne.

- Irei vê-la depois que me lavar.

Rachel sabia que não podia deixar a inevitável conversa para depois.

- Benjamin, antes de se banhar, poderia me dar um minuto a mais?

- Algum problema?

- Jeremy me informou que nesta madrugada você lhe deu ordens para retirar Bob e suas filhas do castigo.

As feições de Benjamin rapidamente mudaram. Todo o ocorrido naquela manhã o fez esquecer daquele assunto tão denso, tão angustiante e que levantava tantas questões em seu íntimo. Velhas perguntas invadindo sua mente como se fossem novas. Perguntas que ainda desconhecia as respostas.

Diante do silêncio do marido, Rachel continuou. - Devo supor que seja verdade.

- Sim. É verdade.

- Posso perguntar por que tomou essa decisão intempestiva?

- Pode perguntar. O problema é que sinceramente não sei o que lhe responder.

- Desculpe, mas não entendo.

- Rachel, estou muito cansado. Exausto na verdade. Não dormi bem esta noite. Tenho fome também. Vou me banhar, ver Josephine, comer qualquer coisa e me deitar um pouco. Se soubesse que o assunto seria esse, teria lhe dito diante mão para deixarmos para um outro momento.

- Claro. Falamos disso depois.

Benjamin seguiu em direção as escadas, queria sair daquela conversa, mas Rachel ainda tinha algo a dizer.

- Não sei o que está acontecendo com você, Benjamin. Nos últimos meses lhe sinto tenso, angustiado. Tudo o que quero é ajudá-lo a voltar a ser como antes.

- Conversamos depois.
- Está bem.

Rachel entendeu que ainda havia muito o que conversar. Entendeu também que talvez Benjamin não quisesse voltar a ser como antes. Pela primeira vez depois de muito tempo, teve certeza de seu medo. Sentiu um nó indescritível na garganta. Não queria perder Benjamin e essa possibilidade a deixava assustada.

Já não precisava de mais desaprovação. Foi até Jeremy e ordenou que o capataz pusesse fim ao castigo de Amélie.

Assim foi feito. Pela primeira vez Rachel recuava diante de seus próprios propósitos. Não queria mais pagar para ver.

Após um longo banho, Benjamin almoçou em companhia da esposa. Trocaram algumas palavras sobre assuntos triviais. Rachel tentou usufruir o quanto pôde da presença do marido, mas notou sua urgência em terminar a refeição e seguir para seus aposentos.

No quarto dos escravos, do lado de fora do casarão, Amélie descansava ao lado do marido, que assim como as filhas já se mostrava mais bem disposto.

Após se ocupar com as diligências da casa, Rachel pediu a Jeremy que a levasse no casarão dos Brunett, uma conceituada família que também se ocupava com a plantação de cana-de-açúcar. A razão da visita seria um pedido à Dorothy Brunett, a senhora do casarão, amiga da família de Rachel a muitos anos: Rachel queria uma nova mucama e estava disposta a trocar uma das mucamas de Dorothy por Amélie e suas duas filhas.

Rachel não revelou sua principal motivação: queria trocar três de suas escravas por apenas uma escrava de Dorothy por não gostar de Amélie e por achar que sua mucama nutria sentimentos secretos por seu marido. Rachel apenas contou sobre o episódio ocorrido com o furto das frutas.

Dorothy aceitou a oferta. Ofereceu a Rachel a mucama que havia comprado a pouco da fazenda Dubois. Os donos, Francis e Pam Dubois, seus amigos pessoais, voltariam para França em breve e colocaram a venda a casa e seus escravos.

Doroty se comprometeu em entregar a nova mucama a Rachel em poucos dias, em troca de Amélie e suas duas filhas.

Rachel voltou para casa mais tranquila. Informou a Jeremy sua decisão e pediu que ele cuidasse de tudo.

Se a confusão mental de Benjamin tivesse qualquer ligação com Amélie, o problema estava resolvido.

A tarde começava a cair quando Benjamin despertou entre os lençóis azul-turquesa. A brisa suave invadia o quarto trazendo a paz que ele tanto buscava.

Quis ficar mais um tempo na cama. Se lembrou do acontecimento daquela manhã, mas rapidamente suas lembranças mudaram de tom. O rosto de Anna surgia em sua mente fazendo com que o perigo a que havia sido exposto não tivesse nenhuma relevância.

Um misto de serenidade e desassossego invadiu sua alma. Por que uma escrava estaria ocupando tanto de seus pensamentos? Salvou sua vida, é fato, era inteligente, sem dúvidas, bonita, certamente, mas quantas mulheres com tais características já havia conhecido? Talvez o momento conturbado que estava experimentando seria a causa de todo esse encantamento.

A questão é que se sentia atraído por aquela moça de uma maneira que não conseguia entender.

Vestiu-se e foi em busca de Josephine que brincava no jardim sob os olhos de Janne. Quando viu o pai se aproximar, correu em sua direção.

- Papai!

- De que está brincando?

- Nada demais. De que você quer brincar?
- Papai está cansado hoje, meu amor. Por que você não brinca de esconder com Janne? É sua brincadeira favorita ainda, não é?
- É sim. Mas precisa de muitas pessoas.
- E com quantas pessoas você brinca?
- Eu, Janne, Amélie, Lily e Keira.
- Peça para chamá-las então ou estão ocupadas?
- Elas não podem ainda.
- As meninas ainda precisam descansar, não é? Vamos deixá-las quietas então.
- Sim. E Amélie também.
- Ela está doente?
- Não. Ela estava de castigo hoje de manhã.
- Castigo? Como você viu isso?
- Mamãe mandou Jeremy amarrar a Amélie na árvore. Eu vi.

Josephine não escondeu a tristeza nos pequenos olhos verdes, da mesma cor que os de seu pai.

Benjamin abraçou a filha com ternura.

- A Amélie é má, papai?
- Não, filha. Não é.
- Eu posso gostar dela?
- Claro que pode, filha.
- A mamãe não quer que eu goste dela.
- Ouça, pode gostar de quem quiser. Está bem?
- Está bem...

- Agora vá brincar de outra coisa com Janne. Preciso falar com Jeremy. É uma menina muito especial e muito linda. Tenho muito orgulho de você.

Benjamin beijou a filha e foi em busca do capataz, que orientava alguns escravos no concerto de um vagão desocupado.

- Jeremy preciso lhe falar.

- Sim, senhor.

Jeremy logo se afastou dos demais e foi em direção a Benjamin.

- Hoje pela manhã minha esposa castigou Amélie?

Jeremy tirou o chapéu e coçou a cabeça.

- Vamos, Jeremy. Não irá se comprometer com a senhora, eu prometo. Diga-me. Castigou ou não?

- Castigou sim senhor. Mas deu a ordem de tirar um pouco depois do senhor chegar.

- O que Amélie fez?

- Não fez nada, senhor.

Benjamin suspirou profundamente. -Obrigado.

Antes que Benjamin se afastasse, Jeremy acrescentou;

- Senhor, vai acabar sabendo cedo ou tarde, então acho melhor saber agora.

- Saber o que?

- A senhora vai trocar Amélie e as crianças. Deu a ordem hoje de manhã.

- Ela mencionou o motivo dessa troca? Amélie sempre trabalhou na casa. Alguma razão especial para a mudança?

- Se o senhor quer saber minha opinião eu vou lhe dizer. Eu acho que ela não gostou de o senhor ter tirado o Bob e as crianças do castigo. Ela acha que foi ela que foi pedir para o senhor tirar eles. Coisas de mulher, senhor. Com todo o respeito.

- De qualquer forma vou impedir isso.

- Senhor, não me leve a mal, deixa eles irem. A senhora tomou raiva da Amélie, não vai ser bom para ela ficar aqui, não.

Benjamin sabia que Jeremy estava certo.

- Elas vão ficar bem, senhor. Deixa-as seguir.

- Acho que tem razão Jeremy.

O capataz assentiu com a cabeça.

Benjamin foi até a sala de música, onde sabia que Rachel estaria.

Se sentou em uma poltrona verde-musgo, ao lado da esposa.

- Dormiu bem?

- Sim, muito bem.

- Preferi não o acordar para que renovasse suas energias.

- Fez muito bem. Obrigado. Rachel, notei um paladar diferenciado no almoço.

- Estava ruim?

- Não, não estava ruim, apenas diferente.

- Ainda esta semana teremos outra serviçal para os afazeres da casa. Não se preocupe.

- E Amélie? Está doente?

- Não, a deixei descansando para que esteja pronta para ir. Mamãe precisa com urgência de algumas mucamas de confiança então resolvi cedê-la com as filhas por um tempo.

Benjamin precisou de serenidade para disfarçar o assombro diante da mentira fácil da esposa.

- Entendo. Mas e Bob? Vai deixá-lo aqui?

- Mamãe não precisa de mais trabalhadores, somente das mucamas.

Poucas vezes Benjamin viu a esposa mentir. Poucas vezes se deu conta de que mentia e poucas vezes esteve tão consciente, como naquele momento.

- Não sou a favor de que deixemos Bob aqui.

- Por que?

- Não será mais de confiança. Ficarão longe da família. Pode se revoltar e acabar por revoltar os demais. Peça a sua mãe que fique com ele.

Rachel viu certa razão na fala do marido. Teria que perder mais um escravo para Dorothy, mas se esse fosse o preço para ter Benjamin de volta. Pagaria sem pensar duas vezes.

- Tem razão. Falarei com mamãe, não creio que colocará objeção.

- Melhor assim.

Rachel continuou a ler a partitura, certa de que estava cada vez mais próxima de resolver seu problema.

Para Benjamin, a única certeza que tinha é que definitivamente as coisas já não poderiam ser mais como antes.

Capítulo 3

Conforme a ordem de Rachel, Jeremy deixou para avisar a Amélie sobre a decisão da patroa no dia da sua ida. Dorothy havia aceito Bob com a satisfação de ter fechado um excelente negócio. Trocaria uma escrava por quatro.

Amélie gostou da mudança. Temia por mais represálias por parte de Rachel e o fato de não se separar de Bob e das filhas deixava seu coração sossegado.

Amélie havia chegado até o casarão dos Leveau junto com a família graças a generosidade de Benjamin. Naquela ocasião, ele compraria apenas uma mucama para Rachel, mas Amélie implorou que seu novo dono comprasse também seu marido e suas filhas. E assim foi feito.

E graças a Benjamin, mais uma vez, a família de Amélie ficaria unida.

Um escravo de Dorothy chegou à fazenda trazendo a nova mucama. A deixou aos cuidados de Jeremy e levou a família de Amélie, que não conseguiu se despedir de Josephine.

A sós com a nova mucama, Jeremy se apresentou.

- Você vai trabalhar no casarão e dormir no quarto do lado da cozinha para o caso de a senhora precisar de alguma coisa durante a noite, e é a senhora Rachel quem vai lhe explicar o serviço. Ela está lhe espera. Eu me chamo Jeremy.

- Eu sou Anna.

- Vamos então, Anna.

Anna e Jeremy entraram no casarão. Rachel aguardava na cozinha, de pé.

- Está aqui senhora.

- Obrigada, Jeremy. Pode voltar a seus afazeres.

- Com sua licença.

Rachel correu os olhos dos pés até os fios dos cabelos de sua nova mucama.

- Como você se chama?

- Anna.

- Quantos anos tem?

- 25.

- O que fazia na fazenda dos Dubois?

- Cuidava da senhora Dubois.. De suas roupas, seus objetos pessoais. A acompanhava em suas pequenas viagens.

- Cozinhava também?

- Eu não cozinhava. Apenas cuidava da senhora. Mas sei cozinhar e cuidar da casa.

- Muito bem. É isso que irá fazer aqui. Cozinhar e cuidar da casa. você se reportará a mim e a Jeremy em casos menos importantes.

- Sim senhora.

Rachel percebeu que algo em Anna a incomodava, só não sabia precisar o quê. Não se ocupou com sua cisma pois teria tempo para descortiná-la. Respirou aliviada por saber que Amélie já estava longe e seria questão de tempo seu casamento voltar para os trilhos.

Naquele dia Benjamin passou toda a parte da manhã tratando de negócios em Mississippi. No caminho de volta sentiu uma leve esperança de ver Anna novamente, embora não estivesse totalmente consciente de tal desejo.

Chegando em casa, como sempre fazia, pendurou o chapéu e o paletó no cabideiro e foi para o quarto, quando passou por um dos salões, viu Rachel cercada de costureiras fazendo a prova de um vestido.

Tentou passar despercebido, o que não foi possível.

- Querido, vá se lavar, eu o espero na mesa.

Benjamin consentiu com a cabeça.

Depois de um rápido banho, seguiu para a sala de jantar, onde a esposa a esperava, já em seu lugar.

- Como foram as coisas em Mississippi?

- Muito boas. Voltarei depois de amanhã para finalizarmos o acordo.

- Ótima notícia.

- E Josephine, já almoçou?

- Sim. Está com Janne no quarto.

Enquanto Benjamin e Rachel conversaram, Anna terminava o último prato que levaria a mesa, que já estava posta. Pegou a caçarola com cuidado e seguiu para a sala de jantar. Sabia que o senhor Laveau, o mesmo que havia ajudado a manter amarrado no pântano, era o senhor de sua nova casa. Seguiu para a mesa e sem olhar diretamente para seus senhores, ajeitou os utensílios.

Como de costume, Benjamin agradeceu e ao olhar para a nova mucama, teve dificuldade em acreditar no que via.

Anna não imaginou que o olhar de Benjamin a deixaria tão desconcertada, mas rapidamente disfarçou o embaraço.

Rachel olhava minuciosamente para a sopa para certificar-se de que estava como havia instruído e não percebeu o que acontecia à sua volta.

Após ajeitar a mesa, Anna afastou-se e permaneceu no canto da sala, pronta para atender a qualquer solicitação.

O coração de Benjamin batia acelerado. Tentava se concentrar nas muitas coisas que Rachel falava, mas não teve êxito. Estranhava a si mesmo. O que poderia estar acontecendo? Será que estava confundindo as coisas? Será que sua relação com Rachel, tão desgastada apesar do pouco tempo de casamento, estaria fazendo com que tivesse tais emoções?

Sua cabeça fervilhava enquanto Rachel não parava de falar. Devorou a comida o quão rápido pôde.

- . Estou satisfeito.

- Estava a seu gosto?

- Sim, estava tudo muito bom.

- Achei a sopa um pouco salgada. Não deve ter colocado a quantidade que lhe ensinei.

Anna ouviu a advertência, sem responder.

- Tenha mais cuidado da próxima vez.

- Sim, senhora.

- Para mim estava ótima. Bem, com licença, vou andar um pouco no jardim.

- Eu lhe acompanho.

Anna viu Benjamin e Rachel seguirem juntos para o jardim. Não via a hora de voltar para a cozinha.

Quando foi avisada que pertenceria a outros donos, Anna rapidamente se lembrou do nome de Benjamin. Como poderia ter esquecido? Todas as inquietações de Benjamin eram suas também. Porém, como sempre resolvia seus problemas com realismo, procurou não pensar em como seria o reencontro com o novo senhor. Em realidade, estava tão certa de sua racionalidade diante dos fatos, que foi pega de surpresa quando se viu tão atormentada diante do olhar flamejante de Benjamin.

Benjamin também tinha muitas perguntas a fazer a si mesmo e uma única certeza: Rachel jamais poderia imaginar o que sentia. Precisava proteger Anna de sua esposa. E sabia o quanto isso lhe custaria.

Aquela noite foi a mais difícil. Sua mente já havia decidido o que fazer, mas dois segundos depois, seu coração buscava várias maneiras de se aproximar de Anna novamente. Tentou várias vezes, mas não conseguiu dormir. Resolveu se levantar para beber água. Antes de chegar até a cozinha relutou várias vezes com a ideia, mas se convenceu de que não havia nenhuma intenção escondida por trás dela.

Desceu com uma pequena lamparina acesa. Entrou na cozinha devagar e se sentiu algo desapontado por Anna não estar lá. Olhou para a porta do quarto em que ela repousava e antes que se deixasse levar, se retirou do cômodo, sem beber seu copo de água.

Se deitou com o coração mais apertado do que estava antes. Precisava ser forte e encontraria uma maneira de conseguir.

Anna também demorou a pegar no sono. Se lembrou da manhã no pântano, porém naquele momento, se dava conta do quanto tais lembranças não se encaixavam em sua realidade.

O dia amanheceu com um sol tímido por entre as nuvens. O trabalho no cultivo da cana-de-açúcar já estava a todo vapor quando Anna começou a preparar o café da família.

Naquele dia, Benjamin ficaria em casa e apesar de ter despertado antes de Rachel, preferiu esperar a esposa acordar para que descessem juntos.

O relógio marcava oito e meia quando Benjamin e Rachel desceram as escadas para o café da manhã. Anna os esperava na sala com a mesa arrumada.

- Bom dia. Benjamin cumprimentou Anna, que respondeu; - Bom dia.

Rachel nunca entendeu a razão pela qual o marido insistia em tal formalidade com os escravos já que ela própria somente lhes falava o essencial, não entendia, porém há muito não mais questionava.

Benjamin evitou conversar, até mesmo porque não tinha o que dizer.

Inesperadamente, Rachel interrompeu o silêncio; - Lembrei-me! Como pude esquecer! Hoje é quarta-feira, tenho o chá na casa dos Belford.

Para Benjamin, aquela não era uma boa notícia. - Tem mesmo que ir? Imaginei que pudéssemos fazer um passeio com Josephine.

- O dia está quente para passeios! E além do mais essas reuniões são importantíssimas para manter-me atualizada dos fatos. Como pude esquecer! Nem mesmo escolhi meu vestido!

Rachel tomou um último gole do café com leite e se levantou apressada; - Meu querido, sei que não se importa em terminar seu café sozinho, mil desculpas, mas preciso me apressar.

Benjamin não teve o que responder.

Anna antecipou-se; - A senhora quer que lhe ajude com alguma coisa?

- Não. Continue servindo ao senhor.

Rachel subiu as escadas deixando Benjamin e Anna sozinhos no imenso salão.

Sem a presença da esposa, Benjamin sentiu-se mais à vontade em olhar para Anna. Que igualmente mais receptiva, correspondeu.

Benjamin iniciou a conversa inevitável; - Espero que não tenha uma faca e uma corda com você agora, ou devo me preocupar?

- Será que eu deveria fazer a mesma pergunta?

- Lhe dou minha palavra de que o que vi naquele pântano morrerá comigo.

- Eu agradeço.
- Tem notícias deles?
- Ainda não.

Rachel e a filha desceram as escadas enquanto conversavam sobre as tarefas de Josephine. Anna achou melhor se retirar antes que Rachel chegasse.

- Com licença.

Benjamin consentiu com um sorriso tímido.

- Quantas Vezes terei que lhe dizer, Josephine. Não poderá ler os livros que lhe der vontade. Benjamin, por favor cuide disso para mim, não tenho tempo.
- Papai, não quero tocar piano, quero ler os livros que o senhor me deu.
- Tudo bem, Rachel, eu cuido disso.
- Obrigada, querido.

Benjamin se ocupou de Josephine o quanto pôde. Depois tratou de desenterrar velhos assuntos em seu escritório. Fez de tudo um pouco para preencher seu tempo livre. Rachel passaria toda a tarde fora e sabia que teria que ser forte para não ceder a seus impulsos e buscar a companhia de Anna novamente.

Resolveu passear pelo jardim, seu lugar favorito da casa. Todas as vezes que se sentia angustiado, sem vida, sem forças, passava algum tempo no jardim e lá conseguia a renovação que buscava. Porém, desta vez não foi o que aconteceu.

Anna estava lá, regando algumas flores que acabara de plantar. Como não podia mais voltar, Benjamin seguiu em frente.

- Que bom que gosta de flores. Fico feliz em saber que o jardim ficará em boas mãos.
- Tem um jardim muito bonito.

- Neste lugar todos os problemas desaparecem. Pelo menos por algum tempo.

- Tem razão. Ao menos ganhamos certo fôlego para continuar. O que já ajuda.

Benjamin sentou-se em um dos bancos de pedra. Parecia cansado, abatido. Percebendo que seu olhar se perdia por entre as flores, Anna tentou animá-lo;

- É muito querido por todos aqui.

Benjamin deixou escapar um sorriso de canto de boca.

- Não deveria deixar-se abater tanto, senhor Benjamin. Problemas foram feitos para serem enfrentados. Use sua força.

- Talvez eu não seja tão forte.

- Desculpe-me, mas não concordo. Ouvi sobre quase tudo que o senhor fez por essas pessoas. - Olhou em direção a plantação de cana onde os negros trabalhavam. - O senhor foi forte o bastante para agir pela sua consciência e não pelo que a maioria julga ser o certo. Isso é ter coragem. Pode se cansar de ser forte às vezes, mas essa força sempre estará aí.

- Tem razão. Deve ser apenas cansaço.

Anna pegou uma das rosas amarelas que havia separado para a decoração da sala e ofereceu a Benjamin; - Anime-se. Viva um dia de cada vez. Ao pegar a rosa, Benjamin tocou a mão de Anna e não vendo qualquer objeção, a segurou com firmeza; - Sinto-me realmente em casa em sua companhia.

- Entendo o que diz.

- Seja o que for, é bom, não acha?

Anna sorriu. Benjamin levou a mão quase trêmula de Anna até seus lábios e a beijou. - Obrigado pela rosa.

- De nada, senhor.

Enquanto via Benjamin se afastar, Anna se dava conta de que não via Benjamin como seu senhor. A admiração que sentia por aquele homem de poucas e objetivas palavras, fortalecia em seu espírito o desejo de ficar ao seu lado, se ele assim quisesse.

Capítulo 4

Benjamin passou o resto do dia em seu quarto.

O jantar foi servido por uma Anna radiante e um Benjamin incredivelmente revigorado. Rachel aparentava bastante entusiasmo diante da possibilidade de ser apresentada a uma Duquesa francesa que viria passar um tempo em Nova Orleans. Não falou de outro assunto durante todo o jantar.

Já recolhidos, o assunto de Rachel ainda era a Duquesa de Nice. Benjamin ouvia tudo com paciência e certo desinteresse.

- Benjamin, tenho absoluta certeza que o Duque poderá nos trazer grandes oportunidades de negócios. Quem sabe até podemos ser convidados para conhecer suas terras na França?

- Quem sabe...

- Ao menos finja alguma animação, o que acha? Aposto que prefere ficar nesta fazenda cercada de cana-de açúcar e negros por toda a parte.

- Depois de tantos anos acho que está começando a me conhecer de fato.

- Estou começando a crer que deveríamos nos mudar, ir embora de Nova Orleans.

- O que sou seguirá comigo por toda a parte, Rachel. Aqui, ou do outro lado do mundo.

O silêncio de Rachel mostrou que, pela primeira vez desde algum tempo, concordava com Benjamin.

Um enorme barulho vindo do lado de fora da casa interrompeu o silêncio.

- Vá ficar com Josephine, se tranquem no quarto, vou ver o que está havendo.

Benjamin desceu as escadas e correu para o quarto de Anna que, assustada, estava preparando-se para deixar o cômodo; - O que foi isso?

- Ainda não sei, fique no seu quarto, vou ver o que está acontecendo.

- Tenha cuidado.

Benjamin seguiu para o lado de fora do casarão. Os escravos estavam em rebuliço.

Não tardou para que Jeremy viesse ao seu encontro; - Senhor, eles incendiaram os vagões e parte da plantação e fugiram.

- Quantos mais ou menos?

- Pelo que consegui contar, uns oito, dez no máximo. Eles estão desarmados, vou atrás deles. Levarei Tommy comigo.

- Não quero que atire em ninguém. Usem as armas para intimidá-los apenas.

- E se não quiserem voltar?

- Deixe-os ir.

- Sim senhor.

Benjamin conseguiu acalmar os demais enquanto outros apagavam o fogo.

Rachel deixou Josephine com Janne e foi ao encontro do marido.

- Fugiram, não é?

- Sim. Jeremy está cuidando disso. Onde está Josephine?

- No quarto. Ela não acordou.

- Vá para dentro. Eu cuido disso.

- Malditos.

- Rachel, entre por favor.

Rachel atendeu o pedido de Benjamin. Teria a sua hora de agir.

- Lhe espero no quarto. Tome um banho antes de entrar. Está com o cheiro deles.

Anna observava tudo da janela.

Benjamin sentou-se na varanda do lado de fora da casa. O fogo já estava controlado, mas Jeremy e Tommy ainda não haviam voltado.

Mais ou menos uma hora depois, o capataz e seu ajudante chegaram com nove escravos, amarrados pelos punhos, caminhando ao lado dos dois cavalos.

- Perdemos o Roy, senhor. Ele conseguiu ir mais longe e não pudemos alcançar. Os outros estão aqui.

- Obrigado, Jeremy. Muito bom trabalho.

- Agradecido, senhor. - Jeremy respondeu orgulhoso.

- Obrigado, Tommy.

- Por nada, senhor.

- E o que o senhor quer que a gente faça com eles?

- Veja se restou algum vagão e os coloque lá. Amanhã falarei com eles.

- Sim, senhor.

Os escravos capturados seguiram Jeremy de cabeça baixa.

Benjamin ainda ficou um tempo na varanda. Teria que se manter à frente daquela situação para que Rachel não interviesse da pior maneira.

Voltou para a casa e Anna o esperava embaixo da escada onde não era possível serem vistos por alguém no andar superior.

Abraçaram-se pela primeira vez.

- Você está bem?

- Estou bem. A situação já está resolvida.

- Que Deus ilumine a sua mente e inspire seus atos.

- Por que diz isso?

- Eles só querem ser livres. Nunca entenderá esse sentimento e não tem culpa disso. Mas por favor, não deixe seu julgamento pesar sobre os ombros desses homens. Eles já carregam peso demais.

Benjamin sentiu um nó na garganta.

- Está enganada, Anna. Sim, eu sei o que é querer ser livre. - Um beijo na testa selou o momento. - Tenha uma boa noite.

- Boa noite.

Benjamin subiu as escadas, querendo ficar.

Tomou um banho e voltou para a cama.

Rachel o esperava.

Após contar detalhes do ocorrido, a esposa deu o seu parecer;
- Quando digo que não podemos facilitar com eles você não concorda comigo. Já é a terceira fuga em três meses. O que esperam com isso?

- Sempre recuperamos a maioria dos que fogem. Cedo ou tarde.
- Sim, claro. Mandando pessoas atrás, colocando anúncios em jornais... todas essas coisas.
- É assim que funciona, Rachel.
- Quem ouve você falar pensa que os ganhou de presente. Pagamos por eles!
- Eu sei disso. Eu pessoalmente comprei todos eles, escolhi um por um. - O tom de voz de Benjamin estava visivelmente alterado, mas Rachel não recuou.
- Então sabe quanto nos custa cada furto, cada hora desperdiçada, cada afronta, cada trabalho mal feito, cada fuga.
- Alguma vez já parou para pensar, ainda que por alguns minutos, que se trata de pessoas?
- O que? Que quer dizer?
- Esqueça, você não entenderia.
- Precisa dormir, Benjamin. Quem sabe amanhã suas ideias estejam em ordem.

Dormir foi tudo o que Benjamin não conseguiu fazer. Definitivamente não poderia mais dividir sua vida com Rachel. Sentia-se acorrentado a uma vida que não lhe pertencia, mas sabia que essa sensação há muito lhe sondava.

Seus pais sempre tiveram dificuldade em convencê-lo de que chibatadas eram necessárias. Que dormir em um quarto sujo do lado de fora da casa era comum. Que fazer com que os escravos trabalhassem até a morte os faria ricos. Cresceu sem entender como interesses financeiros eram mais importantes que sentimentos verdadeiros, que amizades por interesse vinham em primeiro lugar e que um sobrenome pesava mais que qualquer palavra dada.

Por que se sentia tão deslocado de tudo o que viveu e de tudo que ainda fazia parte da sua vida?

Benjamin adormeceu mais uma vez, sem respostas.

Seu corpo pesado e cansado começava a experimentar as sensações já tão conhecidas e temidas. A sensação de estar imobilizado, sem poder agir e o desespero da mulher que suplicava ajuda com os olhos tristes.

Acordou atordoado mais uma vez por aquele sonho sem sentido. O sol começava a apontar no horizonte e Benjamin não tinha tempo para decifrar seus pesadelos. Se banhou e foi ao encontro dos escravos fugidos.

Jeremy já estava na lida, tentando recuperar o que havia sobrado do pequeno incêndio nos vagões.

- Bom dia, Senhor.
- Bom dia, Jeremy. E então, já falou com eles?
- Alguma coisa. Estão arrependidos, isso eles me disseram.
- Jeremy, está aqui na fazenda desde quando? Um ano, um ano e meio, certo?
- Quase dois anos, sim senhor.
- Sabe que tenho outros negócios fora da fazenda, o que impede que eu tome algumas decisões imediatas.
- Sei sim senhor.
- Já ouvi algumas coisas por aí, mas não costumo crer em tudo o que ouço, a não ser quando vem de alguém de minha confiança. Por isso quero que me diga, como é o trato de Rachel com os negros quando não estou aqui?
- Não tenho nada para lhe dizer, senhor.

Benjamin sorriu. Sabia que o capataz de confiança estava mentindo.

- Alguma vez coloquei você em uma situação difícil com minha esposa?

- Não senhor.

- E então...

- É difícil falar isso da senhora sua esposa, mas a verdade é que os escravos não aguentam trabalhar aqui

- Continue.

. Ela judia demais deles. O que o senhor sabe não é nem uma parte do que vou lhe falar.

- Estou ouvindo.

- Quando o senhor viaja e fica fora uns dias... As coisas pioram demais.

- Pioram como?

- Ela os castiga de muitas maneiras. O senhor sabe aquele vagão fechado lá por detrás do moinho?

- Sim.

- Ali fica as coisas que ela manda usar para torturar eles. Se o senhor quiser lhe levo lá.

Benjamin precisou de um tempo para crer no que ouvia. - Não é necessário.

- Me desculpe estar falando essas coisas, mas, o senhor quis saber... sabe, é um homem bom. Todos aqui têm muita estima pelo senhor.

- Eu agradeço, Jeremy. A partir de hoje, qualquer punição só será dada pelas minhas ordens.

- Sim senhor.

- Se algo grave acontecer e eu não estiver, faça o necessário para resolver o problema e mantenha Rachel e Josephine protegidas.

- Entendi, senhor. Assim será feito.

- Obrigado.

- Por nada, senhor Benjamin. Sempre que precisar estou as ordens.

- Agora por favor abra o vagão, quero falar com eles.

- Sim senhor.

Quando a porta enferrujada do velho vagão-gaiola se abriu, os escravos recapturados levantaram-se do chão rapidamente.

Benjamin olhou para cada um deles sem pressa, pela primeira vez.

Cicatrizes por todo o corpo, queimaduras... Os olhares desconfiados denunciavam o medo e a angústia pelo que ainda viveriam.

Jeremy sentiu um calafrio percorrer todo seu corpo. Se aproximou devagar.

- Posso garantir a vocês que o que vem acontecendo aqui não mais se repetirá. Lhes dou a minha palavra. Voltem para os outros e repita o que acabaram de ouvir.

Sem saber o que dizer, mas profundamente agradecidos, os escravos foram levados por Jeremy.

Custavam a acreditar no que ouviram e logo a notícia se espalhou entre todos.

O coração de Benjamin estava em paz e sabia o que queria, sabia em que, de fato, acreditava.

Entrou em casa confiante, de certo modo orgulhoso de si mesmo. Antes de qualquer coisa, quis falar com Anna.

Certificou-se de que não havia movimentação na casa e seguiu para a cozinha.

Como esperava, Anna já estava começando os preparativos para o café da manhã. Viu Benjamin entrar e sentiu imensa alegria, porém, conseguiu se conter.

Benjamin queria abraçá-la. Mais que isso, precisava abraçá-la, mas sabia que não podia apressar as coisas. Beijou sua mão e acariciou seu rosto, o que para Anna, foi o suficiente.

- Como você está?

- Estou bem. O que resolveu sobre aqueles homens?

- Vão ficar bem. As coisas serão um pouco diferentes agora.

- O que quer dizer com isso?

- Não podemos conversar aqui. No domingo depois da missa vá até um casebre abandonado próximo ao velho estaleiro no Mississippi. Sabe chegar lá?

- Sim, eu sei.

- Estarei esperando.

- Estarei lá.

O coração de Anna estava em êxtase. Todas as coisas que sentiam pertenciam a Benjamin também. Se sentia unida àquele homem e por mais que não entendesse, aceitava aquele estado de coisas. Se sentia feliz, pela primeira vez em sua vida. Anna voltou a cuidar de seus afazeres enquanto Benjamin seguiu para seus aposentos.

Rachel acabava de vestir-se.

- Sente-se por favor, Rachel.

Rachel estranhou o tom sério de Benjamin logo pela manhã.

- Está tudo bem?

- Acabei de falar com os negros que fugiram.

- Sim, e daí?

- Estão bastante machucados.

- Não faço nada além do que qualquer em meu lugar um faria. Você sabe disso.

- Eu acho que faz um pouco mais.
- O Que foram reclamar com você? Que tipo de mentiras contaram para ganhar sua piedade?
- Não precisaram contar nada. Eu vi o que usa para torturá-los.

Rachel não tinha mais argumentos.

- O que quer de mim, Benjamin?
- Não vim exigir-lhe nenhum tipo de compaixão ou algo do tipo. Sei que seria inútil. Mas acho que se esqueceu de uma coisa importante. Atos como os que executa aqui são punidos por lei e por mais que nosso sobrenome nos proteja, uma hora ou outra alguém se sentirá obrigado a tomar uma atitude.
- Quem me acusaria? Você?
- Acredita mesmo que em Nova Orleans só eu sei o que faz?

Não houve resposta.

- Todas as ordens para castigar, punir, ensinar, como quiser chamar. A partir de hoje essas ordens serão dadas apenas por mim.
- O que pretende com isso, Benjamin? Proteger seus escravos?
- Protegê-los e proteger você.
- Acha mesmo que sua atitude me protege?
- Sim eu acho. E lamento que não consiga ver isso.
- Um dia vai se arrepender de defendê-los. Espero que não tenha que pagar um preço alto demais por isso.

Antes de sair, Benjamin virou-se para olhar Rachel mais uma vez; - Lamento que as coisas tenham chegado a esse ponto.

Benjamin retirou-se do quarto sem se despedir.

Rachel sentiu um misto de raiva e impotência. Apertou os lábios com força, não conseguia deixar de pensar nas últimas palavras do marido. Não tinha dúvidas de que Benjamin se referia a seu casamento.

Desde que se conheceram, Rachel havia notado em Benjamin um ar melancólico e distante que se disfarçava por entre a euforia de uma relação nova e promissora. Com o passar dos primeiros anos, a falta de empatia tornava-se cada vez mais visível diante das inevitáveis diferenças de pensamentos, mas para Rachel, sua personalidade forte sempre prevaleceria diante dos empasses sem deixar marcas ou qualquer tipo de cansaço na relação.

Percebeu que estava errada.

O desgaste de seu casamento era cada vez mais visível nos olhos de Benjamin e Rachel não tinha ideia de como reverter a situação.

Capítulo 5

O céu amanheceu escuro e anunciada a chuva que começava a formar o cenário de domingo.

Ao contrário das outras vezes, Benjamin não acompanhou Rachel na missa e seguiu logo cedo para o Mississippi onde esperaria por Anna.

Rachel teve imensa dificuldade em obedecer às novas regras impostas pelo marido. Tão logo regressou da missa, pensou em aproveitar a folga dos escravos para impor seus métodos de terror psicológico, mas faltou coragem para colocar seu plano em prática.

Reconhecia seu medo de perder seu marido.

A chuva começava a cair quando Anna partiu para o Mississippi.

Benjamin a esperava abrigado da chuva em um antigo casebre feito de madeira às margens do rio.

Já quase no fim da manhã, Anna chegava para o encontro tão esperado.

Benjamin a cobriu com seu casaco e juntos entraram no balcão isolado.

Pela primeira vez estavam realmente a sós.

Ambos tinham muito o que dizer, mas as palavras faltaram naquele momento. Ouviam apenas o barulho da chuva e do vento que assobiava por entre as janelas muito antigas.

Bem devagar, Benjamin retirou o abrigo dos ombros de Anna, que fechou os olhos como um sinal de permissão para que Benjamin fosse mais além.

Envolvidos por um sentimento que não sabiam explicar, entregaram -se um ao outro, como se todo o Mundo do lado de fora, como por encanto, tivesse deixado de existir. A realidade era somente o velho galpão e o rio Mississippi, envolvidos pela névoa densa da chuva que caía.

Era a primeira vez que Benjamin fazia amor, depois de Rachel. Havia tido inúmeras oportunidades de ser infiel ao longo dos anos, mas nenhuma que lhe valesse o impasse. Porém, com Anna nenhum questionamento veio à tona. Sentia-se como se estivesse voltando para a casa, acolhido.

Emoção difícil de explicar em palavras, inclusive para Anna, que não entendia a grandeza de um sentimento que até pouco tempo só conhecia em contos bem distante da sua realidade.

Abraçados, depois de fazerem amor, Benjamin e Anna descansavam regozijados.

- Eu poderia viver aqui para sempre.

Anna sorriu; - Acha mesmo que conseguiria?

- O que a faz pensar que não?

Anna levantou- se o bastante para olhar nos olhos de Benjamin; - Não tem ideia do que é viver assim. Quando se nasce nessas condições, é até suportável, mas não para quem conheceu outra maneira de viver.

- Não sabemos o que de fato nos faz feliz de verdade.

- Você é feliz?

- Tive alguns bons momentos.

- Está feliz agora?

- Poderia dizer que é um dos melhores momentos que já tive.

- Antes de vir para cá ouvi a conversa de Jeremy com algumas mulheres. É verdade o que disseram?

- O que disseram?
- Que estão livres dos castigos.
- Sim. É verdade.
- O Que está fazendo é muito importante para todos nós. é um homem muito especial.
- Se eu viajasse por algum tempo, você viria comigo?
- Nós dois?
- Viria comigo ou não?
- É claro que sim. Mas por que diz isso? Pensa em deixar a fazenda?
- Talvez eu sempre tenha pensado nisso.

Anna repousou a cabeça de volta no ombro de Benjamin e fechou os olhos. Benjamin havia sido sincero. A questão nunca foi “se fugiria” e sim “quando”. Mas aquele não era o momento de pensar em suas inquietações. finalmente, depois de tantos anos, estava em paz.

Na fazenda, o clima era muito diferente. Andando de um lado a outro da sala, Rachel pensava em como poderia trazer a harmonia de seu casamento de volta. A esposa frustrada não percebia que para Benjamin, a aparente harmonia escondia um poço de frustrações e lamentações intermináveis. Se lembrou de uma prima distante que ficou bastante conhecida na família por ter sido desafortunada em seu matrimônio. As constantes traições do marido a faziam padecer em degradantes eventos que se tornavam públicos por seus parentes mais próximos, até que a infeliz consorte decidiu recorrer a uma médium conhecida na alta classe por seus dons singulares.

Lembrou-se da última vez em que teve notícias da prima e de sua viagem de segunda lua de mel a Londres. Sabia que por mais desesperador que pudesse parecer, não via outra saída.

Sabia que não teria dificuldade em achar madame Laura, afinal, a senhora era famosa nos meios mais refinados de Louisiana. Ordenou que Tony entregasse uma carta. Um convite a médium para um chá na fazenda para dali a dois dias.

Convite que foi aceito por Laura com imensa alegria. Rachel sentiu alguma esperança de que a sorte pudesse voltar para o seu lado, assim como havia acontecido com sua prima. Estava confiante de que seria ajudada em suas aflições e até lá, aceitaria de bom grado a distância que o comportamento do marido impunha.

Benjamin por sua parte tinha muito o que pensar. Se sentia responsável pelos escravos e não conseguiria ir embora com Anna e deixá-los sob o comando de Rachel. Ao mesmo tempo, sabia que não suportaria continuar dormindo na mesma cama que a esposa enquanto mantinha uma relação amorosa com outra mulher, na mesma casa.

Quando regressou a casa no fim da tarde, já havia tomado uma decisão. Pediu que Rachel o acompanhasse até a sala de música. Era o cômodo mais afastado da casa. Lá poderiam conversar sem serem interrompidos por nada nem ninguém.

Sentaram-se lado a lado em uma das poltronas que decoravam o suntuoso cômodo.

- Rachel, pensei muito antes de ter esta conversa com você porque não queria tomar qualquer atitude de forma impensada.

Rachel se manteve quieta, apática, embora por dentro, sua mente estivesse a mil por hora.

- Temos tido inúmeras dificuldades em nos entendermos. Creio que para isto não há explicação, tão pouco culpados. Creio que chega um momento em nossa vida que ficamos diante de impasses cruciais. Acredito estar vivendo um desses agora. Por essa razão, me nego a atormentá-la com meus questionamentos e minhas intempestivas mudanças de opinião, que acredite, serão cada vez mais frequentes. E por isso acredito que, ao menos por um tempo, tenhamos que ficar em quartos separados.

Rachel não conseguiu disfarçar a reação negativa.

Benjamin manteve o tom firme.

- Preciso estar sozinho por um tempo. Não seremos inimigos na mesma casa, nem estranhos, gostaria que isso ficasse claro.

- Pelo o que vejo sua decisão já está tomada.

- Sim. Está. No mais as coisas seguem como antes. Continuarei a frente das decisões da fazenda. Assim terá mais tempo para se dedicar a Josephine.

Rachel estava profundamente contrariada, mas sabia que precisava esperar, afinal ainda tinha sua última cartada: Madame Laura.

- Espero que nesse tempo em que estará sozinho consiga livrar-se destas inquietações sem sentido.

- É o que espero, sinceramente.

- Se é assim que quer, assim será.

- Obrigado por entender.

Rachel retirou-se da sala com certa celeridade. A decisão de Benjamin de fato a pegou de surpresa, não imaginava que o marido pudesse chegar tão longe. Sentia as rédeas da situação escaparem por entre seus dedos, mas buscou forças para suportar um pouco mais, até o encontro com a médium.

Por outro lado, Benjamin sentia-se aberto, livre e acima de tudo, em paz consigo mesmo. Não havia mais conflitos, contradições, manipulações. Foi até seu antigo quarto e tratou de separar suas roupas e objetos pessoais. Deixava o quarto principal com todo o conforto para dormir em um dos quartos de hóspedes praticamente vazio e ainda assim não poderia estar mais feliz.

A harmonia parecia haver finalmente reinado na fazenda. Sem as constantes ameaças de Rachel e com melhores condições de trabalho, os negros já confiavam plenamente na palavra de Benjamin.

No casarão, entretanto, a tensão silenciosa entre Benjamin e Rachel estava longe do fim.

Sentindo-se ameaçada em seu poder, Rachel contava os minutos para o momento em que finalmente estaria de frente com aquela que resolveria todos os seus problemas de uma só vez.

E o dia tão esperado havia chegado.

Benjamin ficaria todo o dia fora tratando de negócios, o que deixaria Rachel mais à vontade para pôr em prática sua estratégia de ter o controle do marido de volta.

Na hora marcada, a charrete de Laura entrava na fazenda.

Rachel a recebeu pessoalmente, sob o olhar curioso de Anna, que observava de longe.

Anna conhecia Laura de vista e já havia ouvido falar de seus talentos.

Não ficou surpresa com o fato de a senhora da casa recorrer a eles. Era comum as mulheres da alta sociedade de Louisiana recorrerem a feitiços e magia para lograr seus objetivos, afinal.

Laura era uma senhora negra de meia idade, escrava alforriada, livre. Transitava com liberdade e certa credibilidade por entre ricos e pobres. Para alguns, cobrava caro por seus feitiços, para outros, emprestava seus dons sem cobrar nada e não lhe faltavam clientes.

Anna serviu o chá na varanda do segundo andar. Evitou cruzar o olhar com a senhora astuta, sem resultado.

- Que linda mucama. Como se chama, menina?

- Anna.

Enquanto servia o chá, Laura observava Anna minuciosamente. Sem intimidar-se, Anna olhou nos olhos de Laura, o que a fez mudar de foco.

Alheia ao que acontecia, Rachel tinha pressa.

- Eu me sirvo, pode se retirar. E não quero ser incomodada.

Anna assentiu com a cabeça.

- E então, em que posso ajudá-la senhora Rachel? Me parece angustiada.

- Madame Laura, serei direta porque a questão é de fato urgente.

Laura repousou a xícara no pires e recostou-se na cadeira para ouvir.

- Estou tendo problemas com meu marido. De uns meses para cá ele tem mudado a maneira de agir e tem se deixado levar por certos, digamos, sentimentalismos que estão fazendo com que fiquemos cada vez mais distantes. Ele sempre confiou na minha maneira de agir, mas agora discorda de mim sobre quase tudo, principalmente no trato com os negros.

Laura ouvia com atenção.

- Tais discordâncias têm o afastado de mim. Estamos dormindo em quartos separados agora.

- E como eu lhe ajudaria, Senhora Rachel? O que quer exatamente?
- Quero que Benjamin volte a ser o mesmo homem com o qual me casei.
- E sabe com que homem a senhora se casou?
- Ora, que pergunta. É claro que sei.
- E se importa se eu lhe perguntar como é esse homem com quem se casou?
- Não me importo. Me casei com um homem doce, incrivelmente inteligente.
- E ele não é mais nada disso, suponho.
- Sim, de certa forma.
- Não entendo, senhora Rachel. Em que exatamente seu marido não é mais como antes?
- Talvez não se trate do que ele não é mais e sim do que está se transformando.
- E em que está se transformando?
- Agora é um homem confuso, perdido...
- Entendo.

Laura parou para pensar. - Veja, preciso de uma peça de roupa do seu marido, de preferência uma que ele tenha usado recentemente. Preciso que me dê por escrito o nome dele, o de batismo e do de família.

- Para quando quer tais coisas?
- Para já, menina. Para já.

Rachel entendeu o recado e em pouco tempo, Laura já estava com tudo em mãos.

- Esteja em minha casa assim que a lua aparecer.
- Hoje?

- Sim. Hoje.
- Tudo bem. Estarei lá.
- É tudo por agora. Preciso ir.

Rachel acompanhou a senhora até a porta.

- Mais tarde nos vemos então. Obrigada Senhora Laura.
- Até mais, menina.

Pela janela Anna viu Laura se afastar. Sentiu um frio na espinha enquanto se lembrava de seus olhos negros, profundos como uma navalha.

Mas não teve medo. Tratou de mudar seus pensamentos e voltou ao trabalho.

O coração de Rachel estava confiante. Estava prestes a jogar sua última cartada. Queria Benjamin de volta, mas queria do seu jeito. Não estava disposta a viver subordinada a ideias tão contrárias as suas e assim que o sol começou a se pôr, Rachel seguiu com Toby para a casa de Laura.

Bem longe da estrada de terra, a casa de Laura não parecia em nada com os ambientes que a médium costumava frequentar.

O mato crescido apontava que não havia quem trabalhasse naquelas terras há muito tempo.

Portas e janelas desgastadas davam um ar de abandono ao modesto casarão.

Toby ajudou Rachel a descer da charrete.

- Espere-me aqui.

- Sim senhora.

Rachel caminhou só até a entrada da casa. Bateu timidamente na porta e esperou a resposta.

Que não veio.

Entrou pelo vasto terreno para se certificar se havia outra entrada e avistou um quarto entre as folhagens.

Ao longe, era possível perceber uma chama acesa. Caminhou até lá com passos longos em meio a penumbra que a rodeava.

Mais próxima, viu a porta aberta. Aproximou-se e lá estava Laura, sentada em uma velha cadeira de palha.

- Boa noite, menina.

- Boa noite.

Os olhos de Rachel correram pelo pequeno cômodo. Jamais havia visto objetos tão sinistros. Cabeças de pequenos jacarés, ossos, potes de vidro com o que parecia ser pequenos pedaços de carne, velas acesas, crucifixos de todos os tipos.

Laura interrompeu o transe;

- Sente-se. Tem muito para escutar.

Rachel obedeceu.

- Menina, esse mundo em que vivemos foi feito para nos desafiar. E ele faz isso o tempo todo. O que as pessoas que vem aqui procurar a minha ajuda não entendem é que cada pedra que esbarramos tem um porquê. E não adianta ter força o bastante para tirar ela do lugar, porque enquanto não se entende, outra pedra vai aparecer. A menina tem uma pedra grande no caminho. Está esbarrando nela e está me pedindo para tirá-la daí, coisa que até posso fazer. Mas não posso sumir com ela e cedo ou tarde, quando menos esperar, vai esbarrar em outra.

- Está tentando me dizer que não poderá me ajudar? Ou que não poderá me ajudar até que eu ... Entenda? Entenda o que, exatamente?

- Entenda o motivo, o porquê, a causa.

- Mas eu entendo. Benjamin está confuso.

- Está tentando entender com a cabeça, por isso está tão longe de ver a verdade.

- Não entendo o que diz.

- Seu marido não pode voltar para você, menina. Ele não pode voltar para onde nunca esteve.

- Mas o que está dizendo? Benjamin é meu marido. Formamos uma família juntos!

- Ele dividiu uma parte da vida dele com você, mas nunca se entregou a ela de fato.

- Como pode saber isto?

- Ele ainda tem raízes na outra vida. Ainda está ligado a tudo o que foi, a tudo que viveu.

- Outra vida? Está falando de...vida passada?

- Isso mesmo. Não acredita?

- Não sei se acredito, não sei nada sobre isso.

- Pois deve começar a saber. Ajudará você a entender muitas coisas.
- Então acha que eu devo me preocupar com a vida passada de meu marido?
- E com a sua.
- Com a minha?
- Sim, já que vocês compartilharam um passado, assim como compartilham o presente.
- Está dizendo que vivemos juntos em... Em uma vida passada, é isso?
- Sim, compartilharam alguns momentos.
- Não entendo, se disse que ele ainda está ligado, se tem raízes com a sua vida passada, por que então está tão distante de mim já que eu também estava nela?
- A ligação maior de Benjamin com seu passado tem a causa com a vida que ele levava com outra mulher.

Rachel não conseguia mover-se da cadeira diante de tantas revelações.

- Como pode saber disso tudo? Como... Isso é possível?
- Não precisa crer em mim. Verá por si mesma.
- O que?

Laura se levantou e buscou a xícara que repousava sobre a mesa.

- Tome este chá.
- O que tem aqui?
- Não tenha medo. Quer conhecer o seu passado, não quer? Vê com seus próprios olhos? Sentir com sua alma? Então tem que confiar em mim, menina.

Àquela altura, Rachel não tinha mais para onde correr. Precisava ir até o fim. Pegou a xícara das mãos de Laura e bebeu o chá.

- Agora quero que encoste na cadeira e relaxe seu corpo completamente. Feche os olhos e ouça apenas a minha voz.

O corpo de Rachel tornava-se mais pesado a cada segundo.

- O que está acontecendo? Estou me sentindo... diferente.

- Não pense em nada. Esvazie a sua mente completamente. Não está aqui. Não tem mais este corpo. Não tem mais esse nome. Livre-se de tudo e apenas concentre-se na minha voz.

Rachel se entregou àquela força irresistível. Suas lembranças não mais lhe pertenciam. Era outra pessoa, em outro lugar.

Se via em um enorme campo de um verde muito vivo com algumas árvores muito altas, imponentes. Sentia o mato arranhar sua mão conforme o tocava. Ouvia o som das folhas secas no chão quando passava por elas. Podia sentir o vento em seu rosto. Parou diante de uma pequena igreja com cercas de arame. Aproximou-se devagar, inexplicavelmente, de alguma maneira sabia para onde deveria ir. Ficou escondida atrás de uma árvore próxima a entrada da paróquia humilde quando um homem negro passou por ela, a caminho da entrada.

- Joseph, Espere.

Rachel podia sentir as batidas aceleradas do seu coração enquanto chamava pelo rapaz distraído, que atendeu ao chamado;-
O que faz aqui?

- Por que não me esperou? Disse que queria conversar.

- Está se arriscando em vir até aqui. Por favor, volte, pode se perder pelo caminho.

- Por que está fugindo de mim?

- Não estou fugindo. Por que insiste com estas coisas? Crescemos juntos, está confusa com seus sentimentos. Não devíamos falar mais sobre isso.

- Sabe que não é apenas isso. E o beijo que demos?

- Foi um deslize meu. Você é tão bonita e lhe tenho afeição, mas não podemos... Por favor volte, sentirão sua falta. Esses caminhos são perigosos. Deve voltar agora.

O homem se afastou e seguiu para dentro da igreja.

Rachel voltou a se esconder. Ficou ali por algum tempo até que viu uma mulher se aproximar. Jamais a tinha visto antes, sabia que não era da fazenda de seu pai.

A seguiu com cuidado.

Entrou devagar na igreja silenciosa. Os bancos estavam vazios. Não havia ninguém. Rachel teve que caminhar bem devagar para não fazer qualquer barulho. Viu a mulher caminhar para o altar e passar por uma pequena porta.

Esperou um pouco mais e foi atrás.

Podia sentir o cheiro das velas queimadas. Caminhou devagar e viu a mulher nos braços de Joseph beijando-o apaixonadamente. Sentiu as lágrimas caindo em seu rosto sem controle. Fechou os olhos para se acalmar. Quis fugir dali, mas as pernas trêmulas não lhe obedeciam. Ainda que não quisesse, foi obrigada a ouvir o que conversavam.

- Joseph, tenho medo de não mais poder vê-lo.

- Acalme-se meu amor. Talvez não precise acompanhá-los até Boston.

- Eles já têm um comprador para a casa. Teremos que ir todos com eles.

- Por Deus, Catarina... Não posso pensar em ficar longe de você. É a única razão para que siga vivendo.

As palavras de Joseph entravam no coração de Rachel como a faca afiada.

- Se eu fugisse, você viria comigo?
- Faria isso por mim, Joseph? Fugiria comigo para ficarmos juntos?
- Sim, sabe que faria.
- Vou com você para qualquer lugar.
- Vou pensar em tudo. Te prometo que não vamos nos separar.

Rachel só pensava em sair dali. Se afastou devagar e saiu da igreja em direção a sua casa.

Correu apressada e sentiu sua respiração ofegante pesar em seu corpo.

Suas pernas pesavam até que já não conseguia mais controlá-las. Sentia o vento e o cheiro do mato ao seu redor, mas não conseguia mais interagir com as coisas a sua volta.

Foi quando ouviu uma voz firme; - Rachel, volte!

Como quem acorda de um pesadelo, Rachel abriu os olhos assustada.

- Está tudo bem. Está comigo agora.

Sua respiração ainda estava ofegante. Aos poucos, seus sentidos começaram a voltar. Sentiu o suor na sua testa, a textura do braço da cadeira. - Por Deus...

- Está tudo bem. Apenas acalme-se. Pense em tudo o que viu com muita calma, sem tomar parte de absolutamente nada. Apenas recorde o que viu. Tudo isso precisará ficar gravado em sua memória.

- Eu estava lá. Era eu... Como é possível?
- Lembrou-se de sua vida passada, menina.
- Era Benjamin? Joseph... Joseph era Benjamin?

- Sim.

- Era um... um negro? Por quê? E por que estamos aqui de novo, dividindo a mesma vida?

- Isto acontece o tempo todo, menina. O que crê? Que nascemos sem passado? Engana-se. Voltamos a este mundo com muitas histórias contadas e muitas destas histórias se cruzam. É o que acontece com você e seu marido.

- Não entendo...

- Somente você pode responder às suas perguntas.

- Quero voltar, quero ver mais.

- Por hoje basta.

- Preciso saber o que aconteceu. Por favor, me leve até lá novamente.

- Não tem condições de fazer isto novamente, menina. Não hoje. Não funciona assim. Deixe que passe dois ou três dias e então regresse.

- Dois dias?

- Quando a noite cair. Então poderá vir e eu lhe ajudo a voltar para o seu passado.

Rachel sentiu um enjoo repentino. - Não me sinto bem.

- Vou lhe dar um pouco de água. Respire.

- E esta mulher, Catarina, onde ela está?

Laura colocou a caneca de água fresca nas mãos de Rachel. - Não sei dessa mulher. Não pense nisto agora. Beba a água. Se sente melhor?

- Sim, estou melhor.

- Menina, abrimos uma porta e ela ainda está entreaberta. É preciso muita sabedoria para lidar com isto.

- O que quer dizer?
- Viu o que tem do outro lado da porta, cuidado para manter os dois pés aqui e não lá.
- Acho que sei o que está falando. Obrigada. Voltarei em dois dias.
- Vá em paz.

Rachel voltou para a fazenda com Toby. As emoções que a fizeram chegar até Laura, já não estavam mais ali.

Não conseguia mais pensar em Benjamin sem se ver do rosto de Joseph.

Fez um grande esforço para se lembrar dos traços de Catarina, mas não conseguiu. Apenas as lembranças de dor e do desprezo a dominavam profundamente.

Entrou no casarão silencioso. Não teve forças para se banhar. Se deitou com a roupa do corpo. Estava exausta, não se sentia assim por muito tempo. As lembranças de Joseph, ou Benjamin, não saíam de sua memória confusa. Os olhos, a fala doce, porém firme... Tudo fazia sentido e ao mesmo tempo parecia tão distante do real, do que sempre entendeu por realidade.

Como seria possível? Mas havia algo que a incomodava muito mais do que tentar ver sentido em tudo o que acontecia. O sentimento de rejeição que experimentou em suas lembranças, ainda estava em seu coração. Talvez esse resquício de lembrança sumisse para sempre depois de uma longa noite de sono, ou talvez não a deixasse nunca mais. A porta havia sido aberta, nada mudaria isso.

Por fim, Rachel adormeceu, vencida pelo cansaço.

Capítulo 7

Os dois dias em que Rachel deveria esperar até se reencontrar com Laura pareciam intermináveis e para aumentar sua angústia, Benjamin havia decidido cuidar dos assuntos da fazenda por dias seguidos.

Eles não mais dividiam a mesa durante as refeições, ainda assim, Rachel sabia que um encontro poderia ser inevitável e ainda não estava preparada para ele.

Se manteve em seu quarto o quanto pôde, o que não lhe trouxe a paz de que precisava.

As lembranças daquela tarde no campo ainda ferviam em sua mente. Tinha muitas perguntas sem respostas; será que Joseph e Catarina conseguiram fugir? Ou será que Joseph havia dado a ela a chance de que tanto precisava? Por que seus caminhos se cruzaram de novo? O que de fato ainda deveria entender?

Enquanto isso, Benjamin conduzia a fazenda a seu modo. Contava com o ajuda de Anna e Jeremy e a gratidão dos demais.

Muito lhe custava não poder viver com Anna tudo o que seu coração desejava, mas entendia que era apenas uma questão de tempo. As longas conversas que tinham eram quase suficientes e lhes davam forças para esperar.

Em um desses momentos, após ter servido o almoço a Rachel e Josephine, Anna seguiu para um dos vagões com a refeição de Benjamin, como ele havia pedido.

- Aqui está seu almoço. Tem certeza que não quer comer na sala, ou em seu quarto?

- Tenho certeza. Ainda preciso terminar esse projeto e estando aqui fora economizo tempo.

- Como está indo?

- Não conseguirei fazer cinco quartos como havia imaginado, apenas quatro. Mas todos ainda maiores do que o que já existe.

- Isso é ótimo, Benjamin. Já não ficarão aglomerados. Creio que quatro quartos os abrigarão muito bem.

- É o que penso.

- Não imagina o bem que nos faz tê-lo por perto.

- Eu sei. Mas não podem contar comigo para sempre, sabe disso.

- Ainda pensa em ir embora?

- Como não pensaria? Combinamos isso, esqueceu?

Anna sorriu; - É claro que não esqueci. Para onde pensa ir?

- Não penso ir para muito longe, quero ver Josephine ao menos duas vezes ao mês ou mais.

- Pois então, sempre saberá como está a situação deles aqui.

- Não sei até quando isso daria certo, mas é o que temos e terá que funcionar.

- Irá funcionar. Como pensa que Rachel irá reagir?

- Talvez melhor do que imaginamos. Talvez eu seja apenas um capricho de uma menina mimada que sempre teve de tudo.

- É assim que acha que ela lhe vê?

- Quem sabe.

- Não teria tanta certeza.

- Por que diz isso?

- Nada demais. Talvez intuição feminina. Vamos coma. Nos falamos mais tarde.

Benjamin segurou as mãos de Anna e as beijou com carinho.

No fundo de seu coração, Anna acreditava que os sentimentos de Rachel por Benjamin não eram apenas caprichos e a visita de madame Laura era a prova disso. Se Benjamin fosse de Rachel de fato, com ou sem a ajuda de Laura as coisas aconteceriam, se não, Anna estaria ali, pronta para seguir com Benjamin para onde quer que fosse.

No cair da tarde, fria e cinzenta, aconteceu o inevitável. Benjamin foi até a sala de música para pegar umas anotações que havia esquecido sobre a escrivaniha e encontrou Rachel organizando algumas partituras.

Rachel sabia que esse momento chegaria e inconscientemente tentou preparar-se para ele desde o momento que se levantou pela manhã, porém constatou que não teve sucesso nessa tentativa.

Procurou se acalmar antes que qualquer diálogo começasse. Benjamin já não tinha mais dúvidas quanto às suas inclinações e ideias. Se por tantos anos foi constrangido a pensar como seus pais e parentes próximos e depois pela maioria de seus amigos e por fim, por Rachel, naquele momento, sentia-se como se tivesse por fim, retomando o controle de si mesmo. Naquele momento, as aflições e inquietações pertenciam somente ao coração de Rachel.

- Não quero incomodar, vim buscar umas anotações apenas.
- Não incomoda. Estava apenas arrumando algumas coisas.
- Como você está?
- Eu estou bem. E você?
- Bem também. Obrigado por perguntar.
- E por que não perguntaria, Benjamin? Acha que porque estamos dormindo em quartos separados não me importo mais com você? Acaso você deixou de se importar comigo?
- Não foi o que quis dizer.
- Não respondeu a minha pergunta.
- Me importo com você, Rachel.
- Mas não o suficiente para dormirmos no mesmo quarto.
- Eu não gostaria de falar sobre isso agora.

Ao contrário de Benjamin, Rachel queria falar, precisava desabafar, mas sabia que não deveria. Em realidade não sabia quem a magoava mais, Benjamin ou Joseph. De que se ressentia tanto naquele momento afinal? Caiu em si e viu que de fato, era cedo demais para conversar.

- Vá embora, Benjamin. Quero ficar sozinha.

- Sinto muito, Rachel. Não quero lhe causar nenhum mal.
- Como pode dizer isso enquanto enfia uma faca em meu peito?
- Não sabia que eu lhe causava tanta dor. Essa nunca foi minha intenção, acredite.
- Saia, por favor.

Benjamin saiu da sala com o coração partido. Era verdade, não queria causar nenhum mal a Rachel. Talvez a intuição de Anna estivesse certa e os sentimentos de Rachel não fossem apenas caprichos.

Não havia mais caminho de volta. Havia chegado até ali e seguiria mais adiante. Talvez estando longe, Rachel pudesse encontrar alguém que a amasse de fato. Alguém que a entendesse. Quem sabe até alguém que a fizesse ver a vida de outra forma. Precisava acreditar que isso era possível. Seu futuro estava diante dele, ensolarado, cheio de vida, e Rachel não fazia mais parte dele.

Rachel precisava voltar para seu passado o quanto antes. Precisava entender sua história com Joseph. Será que ficaram juntos? Ou talvez Joseph e Catarina tenham fugido juntos como planejavam e desta vez estaria tendo a chance de reescrever seu futuro com Benjamin? Lutaria com todas as suas forças, usaria todas as armas que pudesse.

E seu dia finalmente havia chegado.

Toby levou Rachel para o casarão de madame Laura mais uma vez. Mais confiante e certa do que encontraria, desta vez Rachel não teve medo. A noite fria de Nova Orleans deixava as folhas das árvores cobertas de gelo. O frio assobiava uma canção triste, que parecia declamar as angústias que o coração de Rachel tentava sufocar.

Laura aguardava sua cliente no mesmo lugar, sentada em sua cadeira, com a xícara de chá nas mãos; - Boa noite, menina.

- Boa noite.

- Como passou esses dias?
- Não vou mentir. Passei muito mal. Benjamin está a cada dia mais distante de mim e não estou conseguindo lidar com isso.
- Acalme-se. Quanto mais perturbada você estiver, verá seu passado com menor clareza.
- Farei um esforço maior desta vez.
- Pronta?
- Sim.
- Já sabe como funciona. Beba tudo e relaxe. Apenas minha voz lhe seguirá.

Rachel abriu os olhos devagar. Já não mais ouvia a voz de Laura, tão pouco estava sentada em sua cadeira no velho quarto. Entre lençóis alvos e macios, Rachel despertava do que parecia ter sido uma pesada noite de sono. Se espreguiçou sem pressa.

O quarto com papéis de parede em motivo floral e algumas pinturas na parede não era tão grande, mas cuidadosamente decorado com móveis em acabamento dourado e objetos organizados caprichosamente dispostos sobre eles. Rachel não queria se levantar da cama e sentiu um leve entorpecimento lhe tirar as forças devagar. Foi quando ouviu alguém bater em sua porta; - Senhorita Meg, vou entrar.

Meg. Era esse seu nome. Não houve tempo para resposta e a senhora negra de cabelos brancos preso em um coque alto e volumoso entrou no quarto;

- Ora, mas vejam só. Pensei que já lhe encontraria de pé.
- Preciso dormir mais um pouco.
- Está se sentindo mal?
- Não... apenas cansada.
- Sei... acho que esse cansaço tem nome.

- Não sei do que está falando.
- Pensei que a senhorita já tinha esquecido essa maluqueira. Vosso pai nem pode imaginar que anda esticando os olhos para Joseph.
- E quem contaria para ele, você?

Meg se levantou e foi até o quarto de banho para lavar o rosto.

- E eu lá sou mulher de leva e traz? Se a senhorita continuar com essa cisma com Joseph não vai precisar que ninguém conte a ele. Acha que vosso pai não é astuto o suficiente?
- Ajude-me a escolher um vestido, vamos, e pare de falar besteiras. Quando meu pai descobrir estaremos longe daqui e não poderá fazer mais nada.
- A senhorita perdeu foi o juízo de vez! Acha mesmo que Joseph vai fugir com a filha do senhor dele?
- E por que não fugiria? Levarei todas as minhas joias, ele não mais precisará trabalhar. Nunca mais. Seremos muito felizes juntos, bem longe daqui.
- Acho que a senhorita não conhece Joseph. Ele não fugiria com a senhorita nem se fosse viver em um palácio, se não lhe tivesse amor.
- Ele me tem amor, só que tem medo de meu pai e está enfeitiçado por uma mulher que pensa amar. Mas não ama. Só isso.
- Senhorita, vi esse menino nascer, crescer, virar homem. Posso lhe dizer com muito acerto nas minhas palavras; Joseph sabe bem quem ele é e não adianta a senhorita desmiolar a cabeça dele porque não vai conseguir o que quer.
- E quando eu precisar de seus conselhos, eu lhe pedirei.

Meg desceu para o café da manhã. As palavras de Albana ficaram martelando em sua mente. Talvez o fato de ser rica e branca fosse uma desvantagem, mas poderia usar seu dinheiro e seus privilégios a seu favor.

Não tardou para que buscasse a companhia de Joseph no jardim.

- Bom dia. Mamãe elogiou as rosas vermelhas que levou para seu quarto. Ela gostou muito.

- Fico feliz, senhorita. Caprichei porque sei que as rosas vermelhas são as preferidas dela.

- Por favor Joseph. Pare de me chamar assim. Me chame de Meg como sempre fez.

- Prefiro desse jeito. Assim a senhorita não fica tendo essas ideias que não devia.

- Vai me dizer que não gostou das vezes em que nos beijamos?

- Já lhe disse que não devíamos ter feito aquilo. Crescemos juntos, a vejo como uma irmã.

- Não sou sua irmã!

- Não, não é. É a filha do dono da fazenda.

- É disso que tem medo? Pois não deveria. Podemos fugir e papai jamais nos alcançará.

- Fugir? É isso que pensa?

- Não me diga que não pensou nisso. Sei que você e aquela escrava com quem se encontra planejam isso.

Joseph parou de mexer com a terra imediatamente para olhar nos olhos de Meg; - O Que está dizendo?

- Ouvi vocês na igreja. Sei que planejam fugir.

- Fale baixo! Tem alguma noção do que pode acontecer se alguém escuta o que diz?

- E você, tem? Entende o risco que corre? Acha que vale a pena?

- Não vou conversar essas coisas com a senhorita.

Joseph levantou-se visivelmente contrariado. Meg não deixou que se afastasse, segurando-o pelo braço; - Me desculpe. Por favor não saia, não desse jeito.

- O Que quer, Meg?

- Não quero que fique com raiva de mim. Jamais faria qualquer coisa que lhe prejudicasse, sabe disso. Me desculpe.

- Está certo. Está desculpada.

- Talvez eu esteja confusa, talvez goste de você como um bom amigo ou mesmo um irmão.

- Que bom que está conseguindo enxergar isso. Lhe tenho muito carinho e respeito, sabe disso.

- Eu sei. Desculpe-me. Estou aborrecida com minha vida, é apenas isso. Quero que seja feliz com quem escolher.

As palavras sensatas de Meg fizeram com que Joseph baixasse a guarda e a olhasse nos olhos como a muito não fazia; - Também quero que seja muito feliz e sei que encontrará alguém que lhe ame como merece.

- Conte comigo para lhe ajudar no que precisar. Tenho algumas economias que não me fará falta e pode ajudá-los a recomeçar a vida longe daqui.

- Não é preciso. Não quero que se envolva nisso.

- Por favor Joseph, não seja orgulhoso. Quero lhe ajudar. É a única pessoa por quem tenho um apreço sincero nesta cidade inteira.

- Está bem. Lhe prometo que vou pensar.

- Pense. Eu ficarei imensamente feliz em poder lhe ajudar.

Meg buscou uma das mãos de Joseph e a beijou. Afastou-se do jardim e voltou para o seu quarto, onde poderia chorar sem ser vista. Sentiu uma mistura de raiva e pena de si mesma. Olhou-se no espelho da penteadeira decorada e pela primeira vez não se orgulhava de sua beleza.

Olhou em sua volta e todos os caros objetos pareciam zombar de sua derrota. Jogou no chão todos os perfumes, escovas e porta-joias que enfeitavam o móvel dourado.

- Escrava maldita!

Meg repousou o rosto sobre as mãos e quis chorar até que sua dor sumisse, foi quando Laura a trouxe de volta.

A velha senhora enxugou as lágrimas de Rachel com pesar; - Seja forte, menina. Seja forte para enxergar a si mesma.

Rachel havia voltado de seu passado mais uma vez.

Capítulo 8

As palavras de Laura mais uma vez faziam todo sentido. Através de Meg, Rachel estava enxergando a si mesma, sem fugas, sem desvios e isso lhe causava um misto de impressões avassaladoras. Se por um lado suas emoções se justificavam, por outro, via claramente suas atitudes aumentando o abismo que lhe separava do que mais queria.

Talvez no final tenha ganho mais uma vez. Talvez Meg tenha fugido com Joseph. Talvez devesse aprender com Meg a usar a estratégia para lograr seus objetivos. Não seria isso que Laura quis dizer?

Rachel sabia que Meg não abriria mão de Joseph tão facilmente. Por que o faria agora? Precisava mudar seus métodos e esperou o momento certo para isso. Sabia que Benjamin passava as tardes em que estava livre com Josephine e após o almoço, Rachel foi até o quarto da filha, onde os dois liam juntos um pequeno livro de histórias.

- Incomodo?

A presença de Rachel pegou Benjamin de surpresa. Até aquele momento a esposa evitava sua presença o quanto pôde. O que teria mudado? - Estávamos lendo um livro apenas, entre.

Rachel se aproximou.

- Sente-se conosco, mamãe.

Em outro momento, Josephine. Eu gostaria de conversar com seu pai. Janne está lhe esperando no jardim.

Benjamin assentiu para a filha em sinal de consentimento e Josephine deixou-os a sós.

- O que houve?

- Benjamin, estive pensando em tudo o que tem nos ocorrido. Acredito que tenho contribuído para toda a distância que nos separa hoje e gostaria de lhe dizer que agora vejo o quanto ela é necessária. Me desculpe pela última conversa que tivemos.

Benjamin não ousou interromper. Ainda que inesperadas, as palavras de Rachel lhe traziam grande alívio.

- Gostaria que me visse sempre como aquela que quer sua felicidade acima de qualquer coisa, seja longe ou perto de mim. Estou profundamente envergonhada pela forma com que subestimei seus momentos de intranquilidade emocional desde quando nos casamos. Desculpe-me.

- Não há porque pedir desculpas. Sei que não fez por mal.

- Obrigada Benjamin.

Benjamin sorriu e abraçou a esposa com sentimento sincero de amizade e trégua. Rachel por sua vez sabia que havia lançado o primeiro dardo de um jogo perigoso, que talvez lhe rendesse uma derrota sem chance de luta direta ou quem sabe, uma vitória silenciosa.

A próxima sessão com madame Laura levaria um pouco mais de tempo. Segundo Laura, quanto mais as lembranças viessem à tona, mais cautela deveriam ter. Resolveu esperar uma semana para que repetissem o processo de volta ao passado. É evidente que Rachel não gostou da ideia, mas não havia nada que pudesse fazer. No mesmo da conversa redentora com Benjamin, as ordens de Rachel aos escravos ganharam um tom mais ameno, o que causou enorme estranheza por boa parte deles. Um sacrifício amargo, mas necessário, afinal era evidente que essa mudança de comportamento cedo ou tarde chegaria aos ouvidos de Benjamin.

Finalmente o domingo havia chegado e Rachel estava animada com a possibilidade de ir à missa na companhia do marido, porém mais uma vez, não foi o que aconteceu. Benjamin alegou que precisava visitar um amigo acamado e é claro, Rachel não acreditou. Foi então que teve uma ideia arriscada, mas que lhe tiraria aquele peso desconfortável do peito chamado dúvida.

Como domingo era o dia de descanso, havia poucos escravos na fazenda, porém o suficiente para que Rachel tivesse opção de escolha. E assim, Christopher foi chamado ao casarão para uma conversa a sós com a senhora.

- Pois não, senhora. Em que posso ajudar?
- Sei que é seu dia de descanso, por isso serei breve e direta. Como se chama?
- Christopher.
- Christopher, deseja ser livre?
- Como disse?
- Perguntei se deseja ser um homem livre?
- Desejo sim senhora.
- Posso lhe dar a liberdade e uma certa quantia em dinheiro para que siga com sua vida bem longe daqui.
- Desculpe perguntar, mas por que a senhora faria isso?

- Não precisa se desculpar. Tem toda a razão. Sempre há um motivo, não é?
- Sim senhora.
- Pois bem. Antes de qualquer coisa preciso que seja leal a mim. Seria capaz?
- Seria sim senhora. E o que mais?
- Quero que siga meu marido sempre que ele sair da fazenda, em qualquer dia e hora e me diga por onde esteve e com quem esteve. Simples, não é? Acha que sua liberdade vale esse pequeno favor?
- Mas é claro que vale. Por mim está feito. Serei a sombra do senhor Benjamin daqui por diante.
- Christopher, absolutamente ninguém deve saber sobre nosso acordo. Se isso chegar aos ouvidos de Benjamin, negarei até o fim e claro, acabará sendo punido, mesmo contra a minha vontade. Entende isso?
- Não se preocupe. Ninguém vai saber. Lhe dou a minha palavra.
- Pois bem. seja discreto.
- Começo hoje?
- Sim. Benjamin deve sair depois do café da manhã. Eu irei para missa e quando voltar, estarei lhe esperando aqui para que me fale o que viu.
- Sim senhora.
- Lembre-se, seja cauteloso. Benjamin não poderá vê-lo em nenhuma circunstância.
- Tomarei cuidado, senhora. Não se preocupe.
- Vá. E fique atento, ele sairá a qualquer momento.

Christopher saiu da sala de música com um sorriso discreto no rosto. Por fim, a liberdade tão sonhada chegaria e sem esforço. Seria os olhos e ouvidos de sua senhora.

Quando Benjamin deixou a fazenda, Christopher o seguiu montado em um dos cavalos mais velozes que havia. Rachel observava pela janela. Se houvesse mais alguém entre ela e Benjamin, saberia.

Benjamin seguiu para o velho casebre no rio Mississippi sem saber que estava sendo seguido. Christopher se escondeu em um local estratégico, coberto de árvores, nem tão perto que pudesse ser visto e nem tão longe que o fizesse perder seu senhor de vista. Seu coração batia acelerado. E se Benjamin o descobrisse? Não poderia arriscar perder seu valioso prêmio. sua respiração estava ofegante. Aquela sem dúvida, era a missão mais importante de toda a sua vida.

De repente alguém surgiu próximo ao casebre. Christopher cerrou seus olhos para ver melhor. Era uma mulher. E era negra. Apesar da cabeça e parte do rosto cobertos por um pano, a longa saia que desenhava a silhueta feminina da jovem não deixava dúvidas. Quis chegar mais perto, mas preferiu ser cauteloso e esperar até que ambos saíssem e talvez então pudesse ver detalhes do rosto da mulher.

Mas não foi o que aconteceu...

Após um longo tempo de espera, Benjamin e Anna saíram abraçados e depois de um longo beijo, seguiram caminhos diferentes.

Frustrado, Christopher seguiu Benjamin de volta. Como havia suposto, o senhor voltou para a fazenda. Rachel já havia voltado da missa e esperou que Benjamin se recolhesse em seu quarto tão logo terminasse o almoço para que pudesse receber Christopher e suas notícias.

E foi na sala de música que Rachel encontrou o que buscava.

- Conte-me o que viu. Mas antes, está certo de que não foi visto?
- Ninguém me viu não senhora. Disso eu tenho certeza.
- E então?

- Senhora, eu lamento pelo o que vou dizer, mas... Foi o que vi.

As mãos de Rachel nunca suaram tanto e seus lábios tremiam timidamente. - O que viu?

- O Senhor Benjamin foi se encontrar com uma mulher em um lugar abandonado na beira do rio.

Estava feito. A verdade nua e crua desnudava-se diante de seus olhos e seus ouvidos. Se a distância de Benjamin era uma faca enfiada em seu peito, Christopher acabava por dilacerá-lo em pedaços.

- Uma mulher? Mas... Que mulher, viu quem era?

- Estava distante para que não me vissem. Não pude chegar mais perto por isso não consegui ver seu rosto. vi apenas que ficaram no casebre por um bom tempo e que... Beijaram-se antes de irem embora.

- Como era a mulher? O que conseguiu ver?

- Como disse, estava um pouco longe e ela estava com a cabeça coberta e um pouco do rosto também. Mas... pude notar que usava roupas bem simples. E, senhora... Era uma mulher negra.

A cabeça de Rachel dava voltas. Amélie? Seria possível? Não conseguia pensar em outro nome. Quis ir até a fazenda de Dorothy e matar a antiga mucama com as próprias mãos. Mas e se estivesse equivocada? Pensou melhor e resolveu não agir só.

- Christopher, quero que se esforce um pouco mais. Tente se lembrar, a caso essa mulher poderia ser Amélie?

- Amélie? Não senhora. Disso tenho certeza. Essa mulher tem o corpo magro, esbelto, não se parece em nada com Amélie.

Rachel sentiu uma leve brisa fresca tocar seu coração em chamas.

- O que quer que eu faça agora, senhora?

- Se encontrarão domingo que vem, na folga da escrava, não tenho dúvidas. Precisamos saber de onde ela é. No próximo encontro, a siga. É o que precisa fazer.

- E até lá, continuo seguindo o senhor Benjamin?

- Não. Seguir Benjamin seria correr um risco desnecessário.

- Sim senhora.

- Pode ir. Obrigado.

- Com licença.

Rachel não conseguiu chorar. Sua dor era intensa demais, a paralisava por dentro. Sua história estava se repetindo diante de seus olhos, afinal.

Esperaria em silêncio até seu próximo encontro com suas dolorosas recordações.

Capítulo 9

A revelação de Christopher dificultou os planos de Rachel em tentar manter uma relação cordial com o marido, que não fazia ideia de que seu segredo com Anna estava revelado. Foram dias de angústia para Rachel até que seu tão esperado encontro com o passado por fim havia chegado.

Rachel não revelou sua descoberta à médium. Não era preciso. Em breve Benjamin seria seu novamente, como sempre foi afinal.

Em alguns minutos, Rachel estava de volta ao seu quarto branco e dourado, ao quarto de Meg.

Sentada em sua penteadeira, esperava impacientemente que Albana terminasse de pentear os longos cachos dourados que caíam por sobre os ombros e alcançavam sua fina cintura.

- Vamos com isso, tenho muito o que fazer hoje.
- Sabe que sua mãe a levará para fazer compras após o almoço. Não invente nada senhorita, pois no fim das contas suas estripulias acabam sobrando para mim.
- Pois então deveria ficar do meu lado e não contra mim.
- Não fico contra a senhorita, apenas não gosto de mentiras.
- Como se nunca mentisse...
- Não que me lembre.
- Mente quando diz que se importa comigo.
- Como pode dizer isto? A senhorita praticamente nasceu nas minhas mãos!
- Se de fato se importasse, iria querer me ver feliz.
- Onde quer chegar com essa conversa?
- Nunca intercedeu a meu favor com Joseph.

- Porque isto é uma loucura da sua parte.

Albana puxou uma das madeixas com mais força.

- Ei! Está me machucando!

- Pois então fique quieta para que eu termine logo essa trança!

- Já entendi isso. Nunca poderemos ficar juntos, é loucura.

- Senhor Jesus, o que está me dizendo?

-Eu estava enganada em relação aos meus sentimentos. Gosto de Joseph como irmão.

- Deus ouviu minhas preces e colocou juízo nessa cabeça!

- E de que adianta? Talvez tenha perdido meu irmão para sempre.

- Por que diz isso?

- Joseph nunca mais confiará em mim como antes. A não ser que converse com ele. Por favor Albana, fale com ele que já não penso naquelas besteiras.

- Não se preocupe, falarei com ele e tudo vai voltar a ser como era quando vocês corriam por isso tudo aqui quando eram pequenos. Joseph é rapaz de coração bom e sempre teve muito carinho por você.

As feições de Meg quase revelaram suas verdadeiras intenções. Queria ser qualquer coisa, menos a irmã do homem que amava. Apesar do mal estar, soube disfarçar a tempo e manteve o sorriso esperançoso; - Fará isso por mim?

- Oras e por que não faria?

- Então, corra, vá! Vá falar com ele!

Meg beijou o rosto de Albana em um gesto de carinho e agradecimento e antes que o almoço no grande salão da família fosse servido, Meg já colhia os frutos de seu ardiloso plano. Joseph a chamou para uma conversa a sós, nos jardins da casa.

- Está tudo bem, Joseph? Sinto que está um pouco nervoso.

- Está tudo bem, de fato estou um pouco.
- O que houve?
- Lembra-se que me disse que queria ajudar-me?
- Sim, mais é claro.
- O que ouviu na igreja naquele dia...
- Que planejava fugir com aquela moça.
- Sim...- Por um momento, Joseph voltou desistiu de continuar aquela conversa. -Não creio que deva fazer isso. Esqueça.
- Joseph, por favor. O que preciso fazer para que volte a me ver como antes? Me entristece que não consiga mais me ver como uma amiga.
- É que depois que... Bobagem minha. Me desculpe.
- Não devíamos ter confundido as coisas, mas você despertou antes de mim... Me envergonho por isso.
- Não se envergonhe. Esqueça, é passado. Sempre será como uma irmã para mim.

O coração de Meg sangrou calado naquele momento, mais uma vez.

- Então diga-me como posso lhe ajudar.
- Eu e Catarina vamos fugir.
- Sabe o quanto isso é perigoso, não sabe?
- Sim eu sei. Já traçamos o caminho que devemos seguir. Pensamos em tudo.
- De onde ela é?
- Da fazenda dos Clarkson.
- Senhor Roman é rigoroso demais. Precisam tomar muito cuidado. Estou com medo por você, Joseph.

- Não tema. Pensamos em tudo. Apenas nos faltam recursos. Por isso pensei que talvez pudesse nos ajudar.

- Contem com minha ajuda.

- Obrigado.

- Quando pretendem ir?

- Amanhã. Quando todos se deitarem, sairemos. Nos encontraremos na velha igreja.

- Hoje passarei o dia fora com mamãe, mas... deixe-me ver... amanhã pela manhã, antes que todos acordem, encontre-me na dispensa. Lhe darei quantia suficiente para se manterem por pelo menos um mês.

- Obrigado. Um dia lhe retribuirei o que faz por nós. Lhe prometo.

- Sua felicidade é minha recompensa.

Joseph abraçou Meg como nos velhos tempos. Para ela, era como se o mundo parasse de girar. Podia sentir o coração de Joseph tocando o seu e o calor do seu corpo a envolvia como se todos os perigos do mundo jamais pudessem alcançá-la. Fechou os olhos para que o tempo parasse, mas Laura a trouxe de volta.

- Não... Não quero voltar... Joseph!

- Está tudo bem, menina. Precisa voltar.

O abraço de Joseph ainda estava em seus braços quando Rachel abriu seus olhos.

- Madame Laura, preciso voltar. Algo importante está para acontecer.

- Não tenha pressa. O passado já foi escrito. Já está feito.

- Eu preciso saber, preciso saber...

- Se acalme. Saberá. Tudo a seu tempo.

- Quando podemos continuar?

- Dê dois dias até que seu coração se acalme. Se esforce para que isso de fato aconteça, será importante estar preparada.

- Por que?

- Porque será nosso último encontro. Terá que se despedir de suas lembranças e é bom que façamos isso direito.

Rachel não estava pronta para abandonar suas lembranças, mas não tinha escolha. Pela primeira vez desde que começou a entrar em suas memórias, já não conseguia mais distinguir o passado do presente. Joseph e Benjamin eram para ela de fato a mesma pessoa, sem que o passar do tempo os tivesse separado.

Já não conseguia distinguir as dores de Meg de suas próprias dores. A única coisa que Rachel via com clareza era o perigo eminente de perder Benjamin e não tinha dúvidas de que se a história estava se repetindo, precisava saber o desfecho dos planos de Meg o quanto antes. Mas deveria esperar e não o faria de braços cruzados.

Capítulo 10

E finalmente o domingo tão esperado havia chegado. Como parte de seu requintado masoquismo, perguntou mais uma vez a Benjamin sobre irem juntos a missa dominical e é claro, o marido respondeu com uma negativa. Desta vez, precisava resolver assuntos de negócios pendentes no Centro.

Rachel esperou o silêncio da casa para ter com Christopher a conversa definitiva.

- Está pronto?

- Sim senhora.

- Ótimo. Assim que o encontro terminar, siga a mulher. Tome cuidado.

Christopher sentiu um leve calafrio percorrer seu corpo. Se a mulher fosse uma das escravas da fazenda? Teria coragem de entregá-la a Rachel? E por que deveria ter compaixão por alguém? Havia crescido sozinho neste mundo e aquela seria a sua única chance de ser livre e de ter meios para recomeçar uma nova vida.

Benjamin chegou até seu destino de todos os domingos sem ter notado que estava sendo seguido. Mais uma vez, Christopher não conseguiu ver com detalhes o rosto da mulher.

Esperou atento que o encontro amoroso terminasse.

Por fim, a hora havia chegado. Assim como no domingo anterior, Benjamin e Anna se despediram e seguiram juntos até certo ponto da estrada.

Quando Benjamin enfim tomou outra direção, Christopher passou a seguir, a certa distância, os passos da mulher.

“Descubra a cabeça... Descubra a cabeça.” Christopher precisava de mais detalhes, corria contra o tempo, queria seu prêmio o quanto antes e voltar a fazenda sem informações precisas seria mais um dia de retrocesso em seus planos.

Sua esperança seria descobrir ao menos a fazenda na qual a mulher pertencia. Continuou sua perseguição até ser surpreendido, da pior maneira possível.

- Christopher? Não deveria estar de folga?

Christopher olhou para trás para confirmar aquilo que seu coração já sabia. Era Benjamin, cruzando seu caminho no pior momento possível.

- A senhora me pediu que levasse um recado para uma amiga que não foi a missa e a deixou preocupada.

- Não deveria. Seu descanso é sagrado. E tome cuidado com esse cavalo, é o preferido dela, estou surpreso de ter deixado com você.

- Parece que é o cavalo mais manso senhor, os outros poderiam me estranhar.

- Tem razão. Bem, vamos juntos para a fazenda, então.

- Sim senhor.

Christopher não tinha o que fazer. Percebeu que sua missão não seria tão fácil quanto imaginou.

Voltou para a fazenda sem a informação tão esperada por Rachel e que colocaria um ponto final em sua situação. Se encheu de coragem e foi ao encontro da verdade

Como sempre, Rachel o esperava no casarão.

- E então, que notícias me traz?

- Senhora, infelizmente senhor Benjamin pegou o mesmo caminho que o meu.

-Ele lhe viu?

- Sim senhora. Mas não se preocupe, eu disse que havia levado um recado para uma amiga sua. Ele não desconfiou de nada.

- Pensei que seguissem caminhos diferentes.

- Imaginei que sim. Mas acredito que em boa parte do caminho apenas mantenham certa distância.

- Então ela deve estar mais próxima de nós do que supomos.

- Provavelmente.

- Notou algo mais? Um detalhe que possa nos levar até ela?

- Mais uma vez estava com a cabeça coberta. Se eu descobrir onde vive, ficará mais fácil.

- Teremos que aguardar até domingo então.

- Está certa de que não quer que eu siga senhor Benjamin durante a semana? Pode ser que se encontrem.

- Duvido. A escrava não se arriscaria tanto. Tão pouco você pode se arriscar em segui-lo por tantos dias, ainda mais agora que ele lhe viu.

- A senhora tem razão.

- Vamos aguardar.

A frustração de Christopher não era maior que de sua senhora, mas não havia o que fazer. Teriam que esperar.

Capítulo 11

Naquela noite Rachel não conseguiu dormir.

Quem seria a mulher que lhe roubava a vida sem cerimônia? E por que uma escrava? Em que momento de seu casamento havia deixado Benjamin escapar?

Talvez Catarina estivesse de volta na pele da amante de seu marido, o que aumentava ainda mais sua angústia. Mais do que nunca precisava saber o desfecho de seu passado.

Rachel já estava pronta para seu encontro com Meg quando finalmente o dia tão esperado havia chegado.

Como sempre fazia, Madame Laura esperava por Rachel no quarto do lado e fora da casa.

- Boa noite, menina. Noto certo abatimento. Dormiu bem a noite?

- Não. Na verdade, minha noite foi péssima.

- Lamento por isso.

- Está tudo bem agora.

- Como havia dito esta é sua última viagem ao passado.

- E se eu não conseguir descobrir tudo que preciso?

- Tenho absoluta certeza de que descobrirá tudo o que necessita. Podemos?

- Estou pronta.

Após tomar a bebida oferecida por Laura, Rachel fechou os olhos para regressar pela última vez para a vida de Meg.

Começou a sentir uma brisa fresca que tocava seu rosto lentamente, enquanto tentava abrir seus olhos pesados.

Estava mais uma vez em sua cama e se deu conta de que a madrugada começava a se despedir. Se levantou e foi até a janela, onde as cortinas brancas voavam com o vento leve que invadia o quarto.

Lavou o rosto e vestiu-se. Desta vez não esperaria por Albana para pentear seus cabelos.

Antes que o relógio desse sete horas, Meg já estava no salão pronta para o café da manhã.

Não demorou para que Albana cruzasse a sala trazendo nas mãos uma toalha de mesa e alguns guardanapos.

- Mas que novidade é essa dessa vez? o que faz de pé tão cedo?

-Hoje tenho assuntos muito importantes para tratar. Vamos logo com esse café da manhã.

-Não gosto quando fala essas coisas. Sabe disso.

-O que sei é que está me atrasando.

-Onde pretende ir? E que bolsa é essa no seu colo?

-Coisas minhas que quero doar.

-Doar para quem? A senhora sabe disso?

-Não quero envolver mamãe nisso.

-Está me escondendo alguma coisa, Meg. Posso sentir.

Albana, se não me servir logo esse café me colocará em sérios problemas. É isso que quer?

-Por Deus, tome cuidado, seja o que for que vá fazer.

-Não se preocupe. Agora vamos logo com isso.

Albana não terminou de arrumar a mesa. Mais uma vez, realizou o desejo de Meg embora sua intuição apontasse para algo indiscutivelmente suspeito.

Após tomar o café da manhã, Meg seguiu para a dispensa e Joseph já estava lá.

Mais uma vez seu coração pulsou descontrolado. Antes de cruzar a porta, olhou para Joseph por alguns instantes, que pensativo não notou que se aproximava.

Se por alguns momentos Meg teve dúvidas se valeria a pena lutar por Joseph, aqueles breves segundos lhe deram a certeza de que jamais seria uma mulher feliz se não fosse ao seu lado.

-Joseph...

-Meg! Não a vi, estava distraído.

-Aqui está o que lhe prometi.

-Meg ofereceu a bolsa de pano que trazia nas mãos.

-Muito obrigado. Isso nos ajudará muito.

-Prometa-me que tomará cuidado?

-Não se preocupe. Tudo dará certo.

-Talvez essa seja a última vez que nos vemos. Hoje passarei o dia na casa de tia Evelyn devendo chegar à noite apenas.

-Cuide-se bem, Meg. Seja feliz como merece.

Joseph segurou firme as mãos de Meg e a trouxe para mais perto, abraçando-a com carinho e gratidão.

É claro que Meg retribuiu, apoiando-se em seu ombro e entrelaçando os braços em suas costas. “Amo você”. Disse em seu pensamento.

De fato, Meg pediu à mãe que a levassem para a casa de sua tia. Porém, não ficaria lá todo o dia, como havia dito.

No início da tarde, Rachel queixou-se de uma terrível dor de cabeça e pediu a Tia Evelyn que um de seus escravos a levasse de volta para casa. Assim foi feito, porém, no meio do caminho, Meg pediu ao homem que a deixasse na fazenda dos Clarkson, por alguns minutos apenas.

Em alguns poucos minutos Meg informou ao senhor Roman que Catarina, uma de suas escravas fugiria naquela noite e que estaria na igreja antiga esperando por Joseph. Em troca da informação valiosa, Meg apenas pediu que Roman não fizesse nada com o escravo de seu pai, pois ela se encarregaria dele, a sua maneira.

O senhor Clarkson aceitou a oferta.

Meg voltou para a casa e seguiu para seu quarto confiante na decisão que havia tomado. Joseph voltaria para casa após ver seus planos de fuga frustrados e assim, teria mais tempo para conquistá-lo.

A noite chegou sem pressa.

Meg evitou sair de seu quarto o quanto pôde. Estava apreensiva e de certo modo com medo de que algo acontecesse a Joseph, e embora imaginasse que senhor Roman não seria tolo a ponto de quebrar sua promessa, afinal, Joseph era propriedade de sua família, que inquestionavelmente era a família mais influente da cidade, resolveu seguir seu amado e acompanhar tudo o que sucederia na igreja, secretamente.

E assim foi feito. Meg vestiu sua capa preta com capuz e silenciosamente seguiu os passos de Joseph até a igreja, sem ser notada.

Catarina partiu para o local combinado tão logo seus patrões se recolheram. Levou consigo apenas as roupas do corpo. Estava com o coração pesado e os nervos à flor da pele. Caminhava no meio da escuridão tendo como companhia apenas o som das corujas.

Apesar do medo, não tinha dúvidas do amor que sentia e que uma nova vida com Joseph, ainda que com inúmeras dificuldades, era o que de fato queria para sua vida.

Após muitos passos largos e firmes, Catarina chegava a velha igreja. Joseph já lhe esperava com um sorriso no rosto.

- Por que demorou? Estava preocupado.

- Achei que seria mais seguro se esperasse um pouco mais antes de sair.

- Está certa de que não foi vista por ninguém?

- Sim, ninguém me viu.

- Chegou a nossa hora meu amor. Nossa nova vida começa aqui.

Joseph e Catarina beijaram-se selando o compromisso de uma vida inteira. Meg observou de longe, com os olhos molhados de lágrimas.

Desafortunadamente, uma voz os interrompeu.

- Lamento interromper os apaixonados, mas infelizmente, terei que levar a moça de volta.

Catarina não podia crer no que via. Era seu dono, em pessoa. Senhor Roman Clarkson, cercado por mais quatro homens que saíam um a um, por detrás das árvores. Joseph se colocou na frente de sua amada.

- Fui informado que tentaria uma fuga Catarina. Quis ver com meus próprios olhos. Como pôde? O que lhe falta? Não a trato bem o suficiente? Sabe que se dependesse de mim, seria tratada como uma rainha, mas sempre respeitei sua vontade e jamais lhe forcei a nada e é desse jeito que me retribuiu?

Aquelas palavras bateram no coração de Joseph como um tambor. - Como se atreve?

Catarina conteve o ímpeto de seu amor. - Por favor, acalme-se, Joseph.

- Isso mesmo, acalme-se meu rapaz! Você não é problema meu, por enquanto. Portanto está livre para ir. No que depender de mim seu dono não saberá de nada disso. Agora vá. Aproveite a oportunidade que está tendo e desapareça.

- Não irei a parte alguma sem ela.

Enquanto lágrimas copiosas desciam pelo rosto de Catarina, Roman soltou uma gargalhada e foi acompanhado por seus homens. - Ouviram isso? Então está de fato apaixonado por ela? Pois ouça-me bem; se eu lhe ver próximo de Catarina mais uma vez, se arrependerá de ter nascido.

Se dirigiu a seus homens; - Segurem-no.

Meg observava de longe, apreensiva.

Joseph resistiu, mas não conseguiu escapar. Enquanto Joseph lutava com toda a força que podia, Roman segurou Catarina pelo braço trazendo-a para perto. - Psiu... não chore. Jamais a machucaria, sabe disso.

- Solta ela, seu covarde! Solte-me e lute como homem!

- Joseph cale-se por favor, está tudo bem meu amor!- Aos prantos, Catarina implorava pela resignação de Joseph.

Roman aproximou-se de Joseph; - Ora, ora! Temos um herói aqui! Rapaz, está testando minha paciência e eu se fosse você rezaria para que isso não acontecesse, então preste muita atenção: Você não vai mais procurá-la. Daqui a alguns dias sairei da cidade e levarei Catarina conosco. Mas não quero que se preocupe pois eu cuidarei muito bem dela.

- Seu desgraçado. solte-me! E solte-me e verá!

- Sabe que não o soltarei. – Roman chegou mais perto e falou em voz baixa, quase sussurrando; - Sim, talvez eu seja covarde, mas olhe só, essa noite e todas as outras que virão eu dormirei com ela enquanto você continuará sendo esse escravo desgraçado e sem sorte. Creio que ainda estou em vantagem, não acha?

Joseph olhou fundo naqueles olhos cheios de maldade e arrogância e conseguiu ter forças para se soltar.

Uma briga entre os dois foi algo inevitável.

Aos prantos, Catarina tentou conter a fúria de Joseph, que rapidamente foi contido pelos capatazes.

- Seu verme. Terá o que merece!

Roman trouxe a punho uma faca de cabo preto que guardava no bolso do paletó e sem pensar duas vezes, deferiu um golpe impiedoso na barriga de Joseph.

Catarina tentou socorrê-lo, mas foi contida pelo assassino. - - Não! Por Deus, Não! Veja o que fez!

Sem pensar em nada, Meg correu ao encontro de Joseph, que sem forças, caiu no chão, vencido.

- Joseph!

Roman se surpreendeu com a presença de Meg.

- O que faz aqui? Não disse que viria. Poderia ter controlado seu escravo, não acha?

- Me deu sua palavra! Agora veja o que fez!

Catarina chorava sem entender o que acontecia. Olhou para Meg entre o desespero de seu pranto e a raiva que não conseguiu conter. - Então foi a senhorita? Como pôde?!

Como era de se esperar, Roman não demonstrou qualquer arrependimento; - Vamos embora. O assunto está resolvido.

- Não! Deixe-me cuidar dele ao menos, por favor, eu lhe imploro! – Catarina tentou sair do controle de Roman sem sucesso.

- Ele já tem quem o cuide. Vamos.

Roman seguiu com seus homens levando Catarina pelo braço.

Meg apoiou a cabeça de Joseph em seu colo.

- Ca...Cata...rina...

- Não fale nada, por favor! Sou eu, Meg, vou cuidar de você!

- Você... Você contou a ele?

Meg soluçava por entre as lágrimas que caíam sobre o rosto pálido de Joseph. – Não diga nada, eu lhe imploro. Poupe seu fôlego. Pedirei ajuda.

Por mais que Meg pensasse, não sabia o que fazer. Sabia que deveria voltar para a fazenda e pedir ajuda, mas não conseguiria deixar Joseph sozinho enquanto perdia tanto sangue.

- O que eu faço? O Que eu faço?

Em meio ao desespero e a culpa, Meg acarinhava o rosto sofrido de Joseph, que cada vez mais ficava sem forças para respirar.

- Não morra, por favor! Eu amo você! Nós ficaremos juntos, seremos felizes!

Joseph Apertou as mãos de Meg como se quisesse dizer algo importante, e ela se aproximou um pouco mais.

- Diga... Diga a Catarina que... eu... a amo e.... que não vou desistir... Quando eu ficar bom voltarei para buscá-la...

Joseph não conseguiu mais manter os olhos abertos. Sua respiração aos poucos se tornava mais fraca e lenta. Meg recostou o rosto em seu peito, até que percebeu que o coração de Joseph, por fim, havia deixado de bater.

Uma dor sem precedentes tomou conta do seu ser. Agarrou-se a aquele corpo sem vida na esperança de que talvez pudesse fazer o tempo voltar atrás e concertar o que havia feito.

Mas isso não aconteceu.

Sua dor era a única coisa real que havia em sua vida. Sem ter mais forças para chorar, sentiu que uma mão quente a segurava com firmeza; - Rachel, volte! Volte agora!

Entre lágrimas, Rachel despertou de suas lembranças.

- Está de volta, menina. Agora acalme-se.

Rachel apoiou a cabeça por entre as mãos. Estava de volta, pela última vez.

Capítulo 12

Rachel não tinha forças para se levantar.

- Não imagina o que vi. Não tem ideia do que vivi...

- Se engana, menina. Vi todo seu passado no momento que coloquei os pés em sua casa.

- Por que não me disse nada?

- Lhe disse que precisava ver com seus olhos. Só assim entenderia.

- Agora que vi, não sei se entendo.

- Não tente entender com a razão. Entenda com seu coração.
O Que sente, menina?

- Eu causei a morte dele. Fui culpada por seu sofrimento.

- E sofreu com isso?

- Sim! Muito! Todo remorso, culpa... ainda posso senti-los aqui comigo agora.

- Nasceu com essa culpa. Com esse desejo de que de alguma forma consiga dar a vida de volta a Joseph. A vida que de certo modo, você tirou.

- Sim! Sim! É o que sempre tentei fazer.

- Não percebe o quanto precisa entender que isso não está certo? Não pode devolver a vida a Benjamin, porque ela não lhe pertence. Naquela noite na igreja, Joseph sofreu as consequências de seu egoísmo em acreditar que poderia tê-lo independente do que ele queria. Agora a menina tem a chance de fazer aquilo que deveria ter feito há muitos, muitos anos atrás...

- E o que acha que eu deveria fazer?

- Deveria deixá-lo ir.

Os olhos de Rachel se encheram de lágrimas mais uma vez.

- Não consigo.

- Deixe-o ir. Dê a ele a vida que ele não conseguiu viver.

- Catarina... Catarina está de volta, não está?

- Sim. Eles se reencontraram.

- Por que? Por que tudo isso outra vez?

- Aprenda com o passado, menina. Cedo ou tarde terá que vê-lo ir embora. Que seja por suas mãos. Deve isso a eles.

- Mas eu o amo...

- Se o ama como diz, o deixará ir.

Rachel havia entendido, mas não estava certa de que estava pronta para pagar sua dívida.

- Preciso ir. Obrigada por tudo. Como devo lhe pagar?

- Um dia talvez nossos caminhos se cruzem novamente e então poderá me retribuir. Agora vá e tente ficar em paz.

- Obrigada.

Paz era tudo o que Rachel não tinha. Joseph havia morrido em seus braços e Benjamin escapava por entre seus dedos. Sentia-se uma intrusa dentro da própria história, o que lhe incomodava profundamente.

Voltou para a fazenda com um pensamento que não escapava de sua mente desde que deixou o casarão de Madame Laura: Precisava ver Benjamin mais do que qualquer outra coisa e preencher o vazio que Joseph havia deixado em sua última lembrança.

Tão logo entrou no casarão, seu coração desassossegado encontrou um cadinho de consolo; Benjamin e Josephine conversavam na sala.

Vendo Benjamin ali sentado, tão sereno e tão cheio de vida, sentiu um ímpeto quase irresistível de abraça-lo e pedir as desculpas que naquela noite na velha igreja, não teve tempo.

Conseguiu se conter, mas Benjamin notou seu descompasso.

- Sente-se bem?

- Sim, estou apenas cansada.

Josephine se aproximou da mãe; - Quer que eu conte uma história para que durma melhor?

A fala inocente e espontânea da filha arrancou risos de ambos.

- Talvez hoje necessite de suas histórias. Vou me banhar e lhe chamo para que me faça companhia.

- Está bem.

Rachel se despediu de Benjamin com um olhar terno, carregado de amor; - Boa noite.

Benjamin retribuiu.

A noite de Rachel não foi tão amarga quanto imaginou que seria. Como havia prometido, Josephine levou um de seus livros para o quarto de mãe e deitada ao seu lado na espaçosa cama de casal, fez Rachel esquecer, por alguns momentos, da aflição que lhe consumia.

- Mamãe, porque anda tão triste? Posso dormir com você enquanto papai não volta para o quarto se quiser.

A ingenuidade da filha lhe tocou o coração;

- Seria muito bom Josephine, mas acho que sentiria falta da sua cama.

- Eu poderia trazer minhas bonecas.

Rachel sorriu; - Vou pensar no assunto.

- Lhe contarei uma história feliz para que se sinta melhor.

- Obrigada.

De mãos dadas com Josephine, Rachel sentiu um bálsamo reconfortante chegar no mais íntimo de sua alma. Adormeceu suavemente, como não conseguia fazer há muitos dias.

Capítulo 13

A primeira manhã após o último encontro com suas lembranças, tinha um ar melancólico que Rachel não teve forças para resistir.

Desceu para o café da manhã bem mais tarde do que de costume e também diferentemente do que sempre fazia, poupou Anna das instruções sobre a arrumação da mesa e preparo dos pratos.

- A senhora deseja mais alguma coisa?

- Está tudo bem.

Anna notou que o semblante de Rachel tinha algo raro. Ficou mais atenta do que de costume.

- Na verdade, estou sem fome. Gostaria que deixasse apenas a xícara de café e a leiteria. Pode levar o resto.

- Sim senhora.

Comedidamente, Anna começou a recolher os pratos da mesa, quando Rachel, de repente, viu algo que lhe chamou a atenção; um sinal de nascença no pulso de Anna, que por alguns segundos fez seu coração bater descompensado.

Aquele sinal lhe era familiar. Já o tinha visto em algum lugar. Sem saber o que de fato acontecia a sua volta, Anna levou alguns pratos para cozinha, deixando Rachel sozinha na mesa, esforçando-se o quanto podia para se lembrar onde havia visto aquela marca com formato incomum.

A lembrança daquele dia fresco em que Meg havia seguido Joseph até a igreja lhe voltava a mente sem que pudesse exercer qualquer controle sobre ela.

Os bancos da igreja vazios, o altar cheirando a velas queimadas e por fim, Joseph e Catarina juntos.

As trocas de juras de amor, o beijo apaixonado e as mãos de Catarina acariciando o rosto de Joseph. O pulso de Catarina a mostra revelava algo que Rachel custava a acreditar; o mesmo sinal, em formato quase triangular, que acabava de ver no pulso de Anna.

“Não pode ser!”

Anna voltou a sala para buscar os demais pratos. Os olhos de Rachel buscaram a marca mais uma vez. Eram idênticas. O mesmo formato, o mesmo tamanho, no mesmo pulso.

- Quer que lhe traga mais leite?

Rachel não ouviu a pergunta.

- Senhora Rachel, quer que lhe traga mais leite?

Rachel não conseguia olhar para Anna; - Não. Pode ir, eu me sirvo sozinha.

- Sim senhora.

Anna deixou a sala com um inexplicável aperto no peito, algo que não conseguia explicar. O comportamento de Rachel naquela manhã criou uma atmosfera de tensão que deixou o ar pesado demais para respirar. Antes sua arrogância, sua autoridade, sua aspereza do que aquele ar sombrio e sem vida. Parou suas tarefas e foi para o jardim para tentar se equilibrar novamente.

Anna sentou-se no banco de pedra ao lado das rosas amarelas que traziam seu perfume toda vez que o vento as tocava. Aquele perfume lhe tocavam o coração, como se ouvisse uma melodia suave, sem hora para terminar.

Capítulo 14

Rachel não conseguiria esperar até domingo para saber se de fato Anna era a nova eleita no coração de Benjamin. Pediu a Toby que mais uma vez a levasse até a casa de Madame Laura.

Desta vez, Laura atendeu pela porta da frente; - Boa tarde, menina.

- Desculpe-me vir sem avisar, mas o assunto é urgente.

- Está tudo bem, sabia que viria.

- Sabia? Como?

Laura sorriu; - Vamos, entre.

A casa da médium não era tão diferente do pequeno quarto que Rachel já conhecia tão bem. Poucos móveis, decoração antiga, muitas imagens de santos, muitos que Rachel não conhecia.

- E então, o que está acontecendo de tão urgente afinal?

- Creio que sei onde Catarina está.

- E onde ela está?

- Debaixo de meu nariz, nas minhas vistas, acredito que seja Anna. A minha mucama.

- E o que a faz pensar isso?

- Notei em seu pulso uma marca de nascença bastante incomum, a mesma marca que vi em Catarina. A mesma marca, no mesmo lugar. Acha que seria possível?

- Quando estamos vivenciando nossas experiências no corpo físico, nos envolvemos com inúmeros traumas, empasses emocionais e sofrimentos tremendos. Muitos deles decorrentes de fatos que atingem nossa matéria de forma tão brutal que acabam por ir além do corpo físico, chegando a nosso corpo espiritual. E quando isso ocorre e nos identificamos com tais marcas ou cicatrizes, elas renascem conosco em um novo corpo.

- Esse então pode ser o caso de Anna então?

- Menina, veio aqui atrás de respostas, não é? Pois então, lhe direi o que tanto quer saber.

Rachel sentiu sua garganta seca e seu coração disparar. Finalmente sua busca chegaria ao fim. Laura sentou-se mais perto.

- Naquele dia que pisei em sua fazenda a seu convite, entendi que estaria me envolvendo em algo que ensinaria muito a todos nós. Sabe, menina, lido com desejos frustrados e com a inconformidade perante a realidade o tempo todo. Tento ajudar no que posso, mas na maioria das vezes, tendo o que desejam ou não, as pessoas nunca despertam. Preferem mudar as coisas a mudar a si próprias e não percebem que renasceram para isso. Quando lhe vi, percebi que talvez ali, poderia ver seu despertar, ainda que a custo de algum sofrimento.

- O que quer dizer com despertar? Não crê que esteja bastante consciente?

- Teve a oportunidade de lembrar-se de seu passado. Lhe disse que deveria aprender com ele, lembra-se? Aprender com o coração. Só assim despertaria de fato.

- Sim, me lembro.

- Pois então, quando Anna nos serviu naquela tarde, sabia quem ela era. A vi, da mesma forma que você a viu naquela igreja. A vi como Catarina.

- Por que não me disse? Sabia também que ela e meu marido se encontravam as escondidas?

- Sim, sabia.

- Como pôde? Lhe chamei para que me ajudasse a ter meu marido de volta!

- E eu lhe disse que Benjamin não poderia voltar para onde nunca esteve. Queria que fizesse uma mandiga qualquer para que seu marido esquentasse seus lençóis por mais alguns meses? Acha que isso resolveria seus problemas? Benjamin e Anna têm um caminho a seguir, caminho que você interrompeu há muitos anos, lembra-se?

- Então porque não se casou com ela? Porque Anna não nasceu em uma casa de brancos ricos e de boa família para que então pudessem ser felizes por fim?

- Porque essa felicidade precisa ser devolvida pelas suas mãos, das mãos de quem a tirou deles. Não vê lógica nisso?

- E se eu não conseguir devolver?

- Estará presa a essa dívida até que a pague, menina. A escolha é sua. Ser livre ou permanecer do jeito que está.

- Se me ajudasse de fato, Benjamin poderia estar ao meu lado, como sempre esteve.

- Acha que Benjamin esteve alguma vez ao seu lado de fato? Pode casar-se com ele quantas vezes for, o final será sempre o mesmo. Não entende que Benjamin está em sua vida para que tenha a oportunidade de deixa-lo ir?

- Disse que preciso entender com o coração, pois bem, não entendo.

- Não há pressa. Terá todo o tempo que precisar, mas saiba que as consequências existem e elas sempre sabem onde nos encontrar.

Rachel se levantou e enxugando suas lágrimas, despediu-se de Laura; - Passar bem, Madame Laura. Obrigada por gastar seu tempo comigo.

- Cuide-se, menina. E lembre-se: Quando se libertar de sua dívida, terá todo um caminho a sua frente, só seu, onde será por fim, a protagonista de sua própria história e não apenas a coadjuvante de uma história que não lhe pertence. Vá em paz.

Rachel não respondeu. Seguiu para a fazenda com as palavras de Laura martelando em sua mente uma verdade que não queria aceitar. Estava consciente de sua dívida, mas não estava disposta a pagá-la.

Capítulo 15

Assim que colocou os pés na fazenda, Rachel buscou Christopher para uma conversa definitiva.

- Quero lhe dizer que bem antes do que imagina, poderá ter seu dinheiro e sua liberdade, como havia prometido.

- Fico feliz com a notícia, senhora, porém, não entendo. Ainda não lhe dei o nome que busca.

- Não precisará seguir ninguém, já tenho o nome. Agora terá que seguir minhas novas instruções.

- Farei o que me mandar, senhora. Posso perguntar quem é a tal mulher?

- Não só pode como deve, pois terá que levá-la para o tal lugar no Rio Mississippi que serve de abrigo para o amor proibido de meu marido.

- Levá-la? Mas, como faria isso?

- Encontrará uma maneira de colocar algo na comida dela e assim que desmaiar, a colocará em minha charrete para que não chame a atenção.

- E... o que faço depois que a colocar lá?

- Amarre- a bem de forma que não encontre maneira de se soltar, nem gritar. Sabe como fazer, não é?

- Sim senhora. O Que fará com ela?

- Dessa parte cuido eu.

- E de quem se trata, senhora?

- Anna. Trata-se de Anna.

- Está certa disso?

- Sim, estou certa.

Christopher parou para pensar. – Sim, Anna... Por Deus.

- Acha que é capaz?

- Sim senhora. O que quer que coloque em sua comida?

Rachel tirou do decote um pequeno vidro de cor marrom. –
Aqui está. Coloque tudo e espalhe bem.

- É só isso? Eu terei que ficar na casa e esperar o momento certo.

- Fique na dispensa dos fundos. Quando ela se servir, lhe chamarei. Darei um jeito de trazê-la para a sala e será o único momento que terá.

- Sim senhora.

- Deve levar alguns minutos para que faça efeito, portanto fique por perto.

- Sim senhora.

- Amanhã de manhã lhe darei sua recompensa.

- Fique tranquila, tudo sairá como deseja.

- Assim espero.

Christopher não teve muito tempo para conviver com Anna, porém, sua generosidade era motivo para respeitá-la como alguém que se conhece a muitos anos.

Em troca de um novo começo de vida, trairia Anna e Benjamin, a quem devia muito, desde que chegou na fazenda pelas mãos de um mercador de escravos.

Pagaria da pior maneira.

Tudo aconteceu como haviam imaginado. Anna serviu o jantar para Benjamin e Josephine e depois para Rachel.

Todas as noites após o jantar, Benjamin passava horas no quarto de Josephine. Rachel sabia que teria esse momento livre para agir.

Anna acabava de preparar seu prato e quando colocou sobre a mesa da cozinha, ouviu Rachel chamá-la. Cobriu o prato com uma toalha e seguiu para a sala.

- Chamou-me, senhora?

- Sim, chamei. Sei que já está na hora de se recolher, mas gostaria de um último favor.

- Sim senhora.

- Amanhã terei um compromisso bem cedo e gostaria de usar meu vestido de seda cinza, mas não o encontro. Poderia ver se ainda está para engomar?

- Tenho quase certeza que este vestido já está engomado, me lembro de tê-lo colocado em seu quarto.

- Não o encontro.

- Posso verificar com mais calma?

- Sim, talvez minha ansiedade não me deixou encontrá-lo.

- Com licença.

Aproveitando que Anna subiu até o quarto de Rachel, Christopher executou sua primeira parte do plano.

Não demorou para que Anna descesse as escadas. – O coloquei em sua cama.

- Não me diga que estava lá?

- Sim, estava por detrás dos outros, por isso não o via.

- Está bem. Obrigada.

Era a primeira vez que Anna ouvia aquela palavra sair dos lábios de Rachel.

- De nada. – Respondeu, incrédula.

Definitivamente algo não estava em seu lugar. Anna sentou-se em sua mesa simples enquanto tentava não dar ouvidos a sua intuição.

Rachel achou seguro manter guarda no corredor do segundo andar para o caso de Benjamin, Janne ou até mesmo Josephine saírem do quarto.

Felizmente para ela, tudo saiu exatamente como havia planejado.

Da janela entre aberta da sala, Rachel viu Christopher levar Anna, desmaiada, da fazenda.

Para evitar que Benjamin levantasse questionamentos, Rachel deu fim a fatídica refeição de sua mucama.

Tudo estava perfeito.

Preparou os documentos de Christopher e uma quantia de dinheiro razoável. Acordaria no dia seguinte pronta para se livrar de Christopher, seu cúmplice e sua última esperança de se livrar de seu passado.

Capítulo 16

Como fazia todas as noites, Benjamin viu Josephine adormecer e foi até a cozinha para trocar algumas palavras com Anna antes de se recolher. Estranhou quando se deparou com o cômodo vazio.

Como Anna também não estava em seu quarto, resolveu procura-la nos quartos dos escravos, do lado de fora da casa.

Contou com a ajuda de todos para encontrá-la. Anna havia desaparecido, sem deixar rastros, até que Jeremy teve uma ideia; - Senhor, pode ser que a senhora Rachel tenha precisado dos serviços de Anna para qualquer coisa. Por que não pergunta a ela?

Foi então que uma luz se ascendeu para Benjamin: Rachel. Por alguns segundos imaginou se sua esposa estivesse ciente de sua relação com Anna. Um frio sombrio percorreu seu corpo; - Verei, Jeremy. Obrigado.

Não havia outra maneira de saber, teria que ir até Rachel. Diante da resposta negativa da esposa, se juntou a Jeremy para buscar Anna pelas redondezas da fazenda.

Christopher tomou o cuidado de regressar por outro - caminho. Entrou na fazenda sem ser visto. Viu os escravos despertos e estranhou o clima exaltado; Toby, o que está acontecendo?

- Anna fugiu. Senhor Benjamin e Jeremy estão à procura dela. Onde estava homem?

- Estava dormindo. Onde eles estão agora?

- Estão dando voltas por aí para encontrá-la.

- Ela é esperta, já deve estar longe. – Christopher tentou agir com naturalidade. Só teria que esperar o dia amanhecer e seu pesadelo terminaria.

Benjamin e Jeremy foram até o limite da cidade e não encontraram sinal de Anna.

- Ela deve ter tido ajuda de alguém, senhor. Só assim para conseguir ir tão longe.

Benjamin se lembrou do dia no pântano. Talvez o irmão de Anna tivesse voltado e a convencido a ir embora com ele. Parecia lógico, mas seu coração sabia que não fazia sentido. Estavam felizes, fizeram planos. O que teria mudado?

- Amanhã o senhor pode falar com o prefeito e pedir que espalhem a informação por toda a cidade. Vamos encontrar ela. É só questão de tempo.

- Volte e veja se descobre alguma pista na fazenda. Ficarei um pouco por aqui. Obrigado, Jeremy.

Benjamin precisava pensar longe da fazenda, mas quanto mais pensava, menos entendia.

Benjamin viu o dia amanhecer. Exausto, de todas as maneiras possíveis, teve mais uma surpresa quando notou que Rachel havia saído sozinha, sem dizer para onde iria.

Sua certeza de que Anna não havia fugido aumentavam a cada minuto que passava.

Rachel chegou ao casebre certa de que precisava colocar um fim na ligação de Benjamin com seu passado. Se antes havia falhado desta vez, conseguiria por fim que Benjamin a visse de uma maneira diferente.

Quando entrou naquele velho casebre, se lembrou das palavras de Madame Laura. Ela estava certa, Rachel era coadjuvante em sua própria história. Quantas vezes Benjamin e Anna tiveram seus momentos felizes entre aquelas paredes?

Se essa história de amor não lhe pertencia, tão pouco pertenceria a Benjamin. Essa era a certeza que lhe movia.

Christopher havia feito o que Rachel havia pedido. Anna estava deitada, com pernas e braços amarrados e a boca coberta com um grosso pano que já lhe causava feridas no rosto. Sonolenta, mal conseguia abrir os olhos. – Quem está aí? Benjamin, é você?

- Sou eu, Anna. Rachel.

Vendo que Anna não conseguia manter os olhos abertos, aproximou-se e levantou seu rosto; - Abra os olhos, quero que olhe para mim.

Anna conhecia aquela voz e se esforçou para abrir os olhos; - Onde estou?

- Não reconhece esse lugar? Olhe bem.

Anna começou a tomar consciência de si mesma. Pôde olhar com detalhes o rosto de Rachel e se deu conta de onde estava e como estava.

- O que é isso?

- Se lembrou? Creio que escolhi o lugar perfeito para seus últimos momentos, o que acha?

Aos poucos Anna se dava conta da gravidade de sua situação; - Solte-me, por favor.

- Por que faria isso? Para que corresse para os braços de meu marido?

- Acha que me matando terá Benjamin ao seu lado?

- Por que acha que não teria? Somos casados, temos uma filha, uma vida juntos.

- Não conhece Benjamin, senhora Rachel.

- Cale-se!

Descarregando toda a sua mágoa, Rachel bateu no rosto de Anna, uma, duas, três vezes. – Deveria arrastá-la em praça pública para que todos a vissem como é de fato!

Anna sabia que qualquer palavra mencionada apenas aticaria mais o ódio de Rachel. Preferiu calar-se e aguardar que seu destino se cumprisse.

Na fazenda, inconformado com o desaparecimento de Anna, Benjamin foi até o Centro para buscar ajuda. Falou com todos os comerciantes conhecidos e tratou do caso como fuga, oferecendo recompensa em troca de notícias.

Enquanto conversava o proprietário de uma loja de tecidos, avistou Christopher caminhando em direção a estação onde algumas pessoas esperavam o bonde.

Benjamin o seguiu sem que fosse notado. Christopher caminhava com pressa até que por fim chegou à estação.

- Pretende viajar?

Christopher se deu conta que seu pesadelo estava apenas começando. O que poderia dizer? Estava pronto para partir, com um saco de dinheiro em uma mão e sua carta de alforria em outra.

- Me desculpe, senhor.

- Não tenho tempo, Christopher. Para onde levou Anna?

- Já deve ser tarde demais, senhor.

- Para onde a levou?! – Benjamin segurou nas roupas surradas de Christopher e o levou para fora da estação. – Leve-me até ela agora!

- Sim senhor.

Benjamin e Christopher seguiram para o rio Mississippi. Levaram uma hora para chegar ao destino.

Benjamin invadiu o casebre e encontrou Anna amarrada, machucada, quase inconsciente. Rachel estava ao lado, sentada, já sem forças para continuar.

Antes que Benjamin se aproximasse de Anna, Rachel apontou uma faca em seu pescoço; - Não se aproxime, Benjamin! Sabe que sou capaz de fazer isso, não sabe?!

Benjamin interrompeu a marcha; - Acalme-se Rachel.

Christopher entrou logo depois.

- Fiquem onde estão! Os dois!

Benjamin fez um sinal para que Christopher não se aproximasse; - Está tudo bem, Rachel. Não vamos nos aproximar, apenas ouça o que vou lhe dizer; está disposta a continuar com essa insanidade? Veja o que está fazendo.

Lágrimas começaram a cair do rosto de Rachel. Seu coração estava em pedaços; - Estou cansada, Benjamin. Na verdade, estou exausta.

- Sei que não quer fazer isso. Largue essa faca e solte-a, por favor.

- Ela é importante para você?

- Sinto muito Rachel. Ela não tem culpa. Castigue a mim se quiser.

- Daria sua vida por ela?

A resposta demorou a sair dos lábios de Benjamin; - Sim, eu daria.

Ali sentada naquele velho cômodo escuro, Rachel se lembrou do momento em que Joseph perdeu a vida em seus braços. Laura estava certa, tinha uma dívida com ele e precisava pagá-la cedo ou tarde. Não tinha mais forças para fugir dela.

Soltou a faca que segurava e saiu do lado de Anna.

Benjamin e Christopher Soltou as cordas e a deitou sobre o feno.

- Ela vai ficar bem, senhor. Está só um pouco machucada.

Benjamin tentou limpar o rosto de Anna sem que a machucasse mais; - Vai ficar tudo bem, vamos levá-la daqui.

- Para onde a levamos, senhor?

Rachel respondeu à pergunta; - A levem para a fazenda. Só peço que esperem até que eu arrume minhas coisas e vá embora. Não vou me demorar.

Benjamin deixou Anna aos cuidados de Christopher e caminhou até Rachel; - Não precisa fazer isso. Eu devo ir. Fique na casa.

- Não quero mais viver de lembranças, Benjamin. Não mais.

- Para onde vai?

- Talvez a casa de campo de papai. Mandarei que alguém lhe avise onde estou e buscar o restante de minhas coisas. Poderá ver Josephine quando quiser.

A tristeza de Rachel chegava até o coração de Benjamin.

- Está fazendo a coisa certa, Rachel. Não havia mais caminhos para nós dois.

- Está pago, Benjamin.

- O que?

- Estou deixando-o ir.

Benjamin viu a esposa se afastar e sentiu no seu íntimo que naquele momento algo entre eles havia se rompido de fato. Como a página de um livro que fica para trás.

Rachel seguia para a fazenda, pela última vez.

Capítulo 17

Ainda na casa do rio, Anna repousava nos braços de Benjamin. Christopher tinha água e algumas frutas, que ajudaram Anna a se recompor.

- Senhor, me perdoe. Fui egoísta em pensar em mim mesmo, mas ir embora e ser um homem livre era tudo o que sempre sonhei. Eu posso rasgar minha carta se quiser e voltar com o senhor para a fazenda para servi-lo até os últimos dias da minha vida.

- Não vou julgá-lo, Christopher, mas não sei se voltarei a confiar em você novamente. Pegue sua carta e siga o seu caminho. Não lhe guardo rancor.

- Mais uma vez me perdoe.

- Está perdoado.

É um homem bom. Espero que seja feliz.

Christopher seguiu seu novo caminho.

Benjamin viu Christopher se afastar e voltou a se aproximar de Anna. - Sente-se melhor?

- Sim. Estou melhor.

- Em breve estaremos em casa.

Anna segurou forte a mão de Benjamin; - Não desistiu de mim...

- Como poderia?

- Seremos felizes juntos, lhe prometo, Benjamin.

- Não imagina o quanto esperei por isso.

Benjamin beijou Anna ao som das águas do rio Mississippi com a certeza de que tudo estava em seu lugar.

Na fazenda, enquanto juntava alguns vestidos, Rachel pensava em tudo que havia vivido nos últimos meses.

Cada vez mais entendia as palavras de Laura.

Deixava sua vida como quem escapava de uma prisão, uma prisão sem grades, silenciosa.

Entendeu que a chave para sua libertação, estava em suas mãos o tempo todo.

Estava triste, mas em paz.

Sem perder tempo, foi até o quarto de Josephine, que brincava com Janne; - Por favor, nos deixe a sós.

Janne obedeceu.

- Filha, vamos ficar um tempo fora.

- Papai vai conosco?

- Não. Mas ele irá vê-la sempre e poderá vim vê-lo também.

Josephine não havia entendido a razão da mudança repentina, mas conhecia sua mãe o bastante para notar a tristeza que a envolvia e preferiu não fazer perguntas.

- Está bem.

- Pegue somente alguns vestidos, depois alguém virá pelo resto. Temos que nos apressar.

Josephine se levantou imediatamente e começou a separar seus vestidos.

- Pedirei a Janne que a ajude.

Antes de sair do quarto, Rachel se sentiu algo comovida com a atitude da filha; - Obrigada por entender, Josephine. Sei que sentirá falta do seu quarto.

- Não se preocupe, mamãe. Posso levar minha boneca?

- Claro, leve quantas quiser.

- Levarei apenas a Meg.

Rachel afastou-se da porta e voltou para perto de Josephine; -
Como se chama sua boneca?

- Meg. Acha bonito?

- Sim, mas... Por que escolheu esse nome? Onde ouviu?

- Não ouvi de lugar nenhum. Escolhi esse nome porque desde que me lembro eu sonho com uma moça que se chama Meg.

- Sonha? Sonha como? Como é esse sonho?

- Eu sonho que cuido dela, que penteio seu cabelo, lhe dou comida. Olhe a trança que fiz, igual as que faço nela.

Rachel não conseguiu controlar a emoção.

- Por que está chorando, mamãe?

- Por nada filha.... É que me dei conta de que nem todas as lembranças precisam ser ruins. Só isso.

- Eu Não entendo, mãe.

- Também não. Não se preocupe, dessa vez não são lágrimas de tristeza.

Josephine abraçou a mãe com carinho; - Eu vou cuidar de você, mãe.

- Eu sei, filha...

Rachel deixou a fazenda para trás e deixou para trás também algumas de suas lembranças. Havia aprendido que o passado pode trazer com ele valiosas lições quando essas são aprendidas com o coração.

Fim.

